

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
CURSO DE HISTÓRIA

SARA ASSIS CORRÊA

"AFASTE-SE DO MAL E PRATIQUE O BEM": Os ensinamentos dos vícios e das virtudes na obra *Visão de Túndalo*

SÃO LUÍS

2023

SARA ASSIS CORRÊA

"AFASTE-SE DO MAL E PRATIQUE O BEM": Os ensinamentos dos vícios e das virtudes na obra *Visão de Túndalo*

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em História.

Orientadora: Prof.^a Dra. Adriana Maria de Souza Zierer.

SÃO LUÍS

2023

Corrêa, Sara Assis.

“Afaste-se do mal e pratique o bem”: os ensinamentos dos vícios e das virtudes na obra Visão de Túndalo / Sara Assis Corrêa. – São Luís, 2023.

61 f.; il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Maria de Souza Zierer.

1. Visão de Túndalo. 2. Visión de Don Túngano. 3. Vícios. 4. Virtudes.
I. Título.

CDU 94(100)"...05":172.13

Elaborada por Rosiene Santos - CRB 13/837

SARA ASSIS CORRÊA

"AFASTE-SE DO MAL E PRATIQUE O BEM": Os ensinamentos dos vícios e das virtudes na obra *Visão de Túdalo*

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em História.

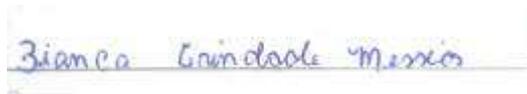
Aprovada em 13 de julho de 2023.

Banca examinadora



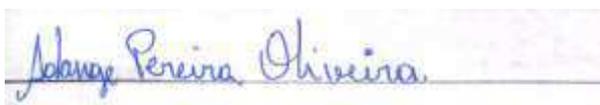
Prof.^a Dra. Adriana Maria de Souza Zierer (Orientadora)

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA



Prof.^a Me. Bianca Trindade Messias

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA



Prof.^a Dra. Solange Pereira Oliveira

Programa de Pós-Graduação de História da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

SÃO LUÍS

2023

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sabedoria nos meus projetos e ações, por me manter forte durante a graduação. Para Ele toda honra e glória de todas as minhas conquistas.

À minha família, sobretudo os meus pais, Reinaldo e Maria José, que sempre priorizaram a educação para suas filhas e que estiveram na torcida por mim durante mais essa jornada da minha vida. À minha irmã e colega de quarto, Stela, por me dar apoio nos momentos de estudo.

À professora Dra. Adriana Zierer, pela oportunidade de uma parceria na iniciação científica e por suas orientações que me ajudam a me tornar uma pesquisadora melhor.

E também as minhas amigas e colegas de graduação Gabriela Schalcher e Maria Clara Martins, que estão comigo desde o primeiro período da graduação e que sempre acreditaram no meu potencial quando nem eu acreditei.

Ao Grupo de pesquisa de Estudos Celtas e Germânicos da Universidade Estadual do Maranhão (BRATHAIR) pelas contribuições na aprendizagem e na divulgação de oportunidades de me aprimorar.

À Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), pelas oportunidades na graduação e pelo suporte. Aos professores do curso de História pela paciência e pelo esforço na minha formação como professora-pesquisadora.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão (FAPEMA) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo fomento da bolsa de iniciação científica que me auxiliou com recursos financeiros na graduação e tornou possível esse tema de monografia.

RESUMO

A sociedade medieval do Ocidente foi marcada pela presença de símbolos cristãos e de práticas litúrgicas no cotidiano. Sendo o período dos séculos XIV-XVI, ressaltado por epidemias, crises políticas e econômicas, resultando numa sociedade fragilizada e com alta taxa de mortalidade. Com a presença constante da morte, a preocupação com o destino final cresceu e os meios para obter a salvação eram ensinados pela Igreja, que utilizava de variadas formas para o ensino dos mandamentos cristãos. Um destes meios eram as narrativas de viagens ao Além-Túmulo, com cunho moralizante, desse modo, este trabalho tem como objetivo analisar os vícios e as virtudes presentes na obra *Visão de Túndalo*. O relato foi escrito em 1149, por um monge irlandês, sendo traduzido para o português entre os séculos XIV e XV, e para o castelhano no século XVI. através de uma análise comparativa das fontes, destacando os espaços do Além-Túmulo (Inferno, Purgatório e Paraíso), visamos ter a compreensão de como essas menções aos vícios e as virtudes eram utilizadas nos ensinamentos sobre a doutrina cristã para os Medievos.

Palavras-chaves: *Visão de Túndalo*. *Visión de Don Túngano*. Vícios. Virtudes.

ABSTRACT

The medieval society of the West was marked by the presence of Christian symbols and liturgical practices in everyday life. Being the period of the XIV-XVI centuries, highlighted by epidemics, political and economic crises, resulting in a fragile society with a high mortality rate. With the constant presence of death, the concern with the final destination grew and the means to obtain salvation were taught by the Church, which used in various ways to teach the Christian commandments. One of these means were the narratives of trips to the Beyond-Tomb, with a moralizing nature, thus, this work aims to analyze the vices and virtues present in the work *Visão de Túndalo*. The account was written in 1149 by an Irish monk, being translated into Portuguese between the 14th and 15th centuries, and into Castilian in the 16th century. through a comparative analysis of the sources, highlighting the spaces of Beyond the Grave (Hell, Purgatory and Paradise), we aim to understand how these references to vices and virtues were used in teachings about Christian doctrine for the Middle Ages.

Key-words: Vision of Tnugdál. Vision of Don Túngano. Addiction. Virtues.

LISTA DE QUADROS

QUADRO	TÍTULO	PÁGINA
1	Semelhanças nas versões ibéricas do relato	p.26
2	As características do Além e os órgãos dos sentidos	p.30
3	Os mandamentos da Igreja nos lugares de punição	p.35
4	Divisão dos Muros no Paraíso	p.49
5	Elementos dos muros do Paraíso	p.53
6	Os mandamentos da Igreja nas almas bem aventuradas	p.54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. SOCIEDADE E CULTURA NA CRISTANDADE MEDIEVAL.....	15
1.1. Cultura religiosa e as reformas eclesíásticas	17
1.2. Crise e conflito na cristandade	20
2. O ALÉM-TÚMULO NA <i>VISÃO DE TÚNDALO</i>	24
2.1. Vícios e punições no Além-Túmulo.....	31
2.1.1 O espaço intermediário do Purgatório.....	33
2.1.2 O destino dos pecadores no Inferno	42
2.2. O lugar de espera.....	44
3. A ETERNA MORADA DOS ELEITOS NO PARAÍSO	45
3.1. As almas virtuosas.....	47
CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

A criação da Escola dos Annales, empreendida por Marc Bloch e Lucien Febvre, trouxe mudanças no método de pesquisa da História, que acompanhando uma linha positivista, seguia uma forma de pesquisa metódica e factual.¹ Contudo, as mudanças levaram a um novo paradigma dos acontecimentos históricos levando em conta sociedade, mentalidade, economia, entre outros.

Essa nova forma dos estudos históricos trouxe visibilidade em temas e questões antes ignorados ou com pouco espaço, bem como novos horizontes para compreender os homens no passado, conforme Marc Bloch: “A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre eles.”²

Desta forma, mais campos de pesquisa se abriram para estudar as sociedades antigas nos diversos âmbitos, através de outras fontes de pesquisa. Sendo uma desses campos, o imaginário, que carregam crenças, imagens e representações, que podem moldar os homens e servir como um instrumento de entendimento acerca da cultura, do sistema de crenças, do modo de pensar, de agir e se relacionar:

O historiador do Imaginário começa a fazer uma história problematizada quando relaciona as imagens, os símbolos, os mitos, as visões de mundo a questões sociais e políticas de maior interesse quando trabalha os elementos do Imaginário não como um fim em si mesmos, mas como elementos para a compreensão da vida social, econômica, política, cultural e religiosa. O imaginário deve fornecer materiais para o estabelecimento de interconexões diversas.³

¹ BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991, p.27.

² BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001, p.79.

³ BARROS, José D’Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.99.

Por meio desses estudos, episódios de determinado período histórico poderiam ser melhor compreendidos utilizando outras visões acerca da realidade que permeia a sociedade em questão.

Sendo assim, o período que compreendeu os séculos XIII e XIV, teve a presença marcante de conflitos, epidemias e ondas de fome, em algumas regiões, resultando em uma economia fragilizada e uma taxa de mortalidade alta. Portanto, a Península Ibérica não apresentou uma situação diferente das demais regiões da Europa Ocidental.

Durante esse contexto, os ibéricos se sentiam no fim dos tempos e próximos da morte, que segundo a doutrina cristã não seria um fim da existência, mas a passagem para outra vida no Além Túmulo, de modo que, o homem precisava cumprir os mandamentos cristãos para merecer a felicidade eterna do Paraíso e evitar a agonia do Inferno.

A Igreja, responsável por esta tarefa, contribuiu para confecção de relatos visionários nos mosteiros e sua transmissão de forma oral entre os fiéis, que ouviam esses relatos de homens e mulheres que viajaram para o Além-Túmulo, e tiveram contato com coisas ocultas aos humanos.

Um destes tipos de relato e a fonte de estudo desta pesquisa é a *Visão de Túndalo*. Inicialmente, chamada de *Visio Tnugdali*, foi escrita no ano de 1149, por um monge irlandês chamado Marcus, que dedicou a produção à abadessa G. (Gilsa ou Gisela) do mosteiro de Saint Paul, em Regensburg, na atual Alemanha. O manuscrito foi escrito em latim, e depois traduzido em vários idiomas vernáculos.

No final do século XIV e início do século XV, a narrativa foi traduzida como *Visão de Túndalo* no português, consistindo em duas versões escritas por monges cistercienses do mosteiro de Alcobaça, sendo essas versões o códice 244, traduzida por Frei Zacharias de Payopelle, e o Códice 266, traduzida por Frei Hilário de Lourinha. Atualmente ambos os documentos estão localizados na Biblioteca Nacional de Lisboa, em Portugal.

A outra versão utilizada é chamada de *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*, publicada em 1526, por Ramón de Petras, um impressor castelhano, responsável pela publicação de algumas produções. Assim, essa versão teria sido baseada em outra edição feita em 1508, em Sevilha, mas que foi perdida com o título de *Libro del cauallero don Tungano y delas cosas que em el infierno y purgatório y el paraiso vido*, de Jacob Cromberger.

Contribuindo para o entendimento dos elementos cristãos nas fontes, utilizamos a *Bíblia de Jerusalém*, na qual se tem acesso a narrativa bíblica para percebemos os mandamentos e ensinamentos cristãos, evidentes no relato que estudamos como fonte.

Na narrativa Túndalo (ou Don Túngano) era um cavaleiro de origem nobre, mas um pecador por não seguir os mandamentos da Igreja. A história tem início quando a alma do cavaleiro saiu de seu corpo, sendo guiado por um anjo pelo Além Medieval.

Com as pesquisas sobre o Medieval empreendidas pela Associação Brasileira de Estudos Medievais (ABREM) e o *Grupo de Estudos Celtas e Germânicos* (BRATHAIR – MA), os estudos sobre História Medieval tem crescido consideravelmente no Brasil, de forma que antes dessa pesquisa ter início, já havia uma base de trabalhos sobre imaginário, religião medieval e Viagens ao Além.

A *Visão de Túndalo* já foi abordada em outros trabalhos, como a tese de doutorado *A salvação como um itinerário no Além Medieval: a viagem imaginária da Visão de Túndalo (Séculos XIV-XV)*, de Solange Pereira Oliveira, na qual ela destacou o discurso de salvação como um itinerário de viagem presente durante a jornada do cavaleiro nas versões portuguesas do relato.

Assim como, a dissertação de mestrado *Memória, educação e salvação cristã na Visão de Túndalo (séculos XIV e XV)*, de Bianca Trindade Messias, onde se discute a questão da memória e do tempo na circulação dos manuscritos, e nos aspectos de educação da salvação da narrativa.

Na pesquisa de iniciação científica, buscou-se analisar os aspectos educacionais da *visio* no trabalho *A Visão de Túndalo como manual de comportamento cristão e sua circulação na Península*⁴, em que trabalhamos acerca do uso do relato para o ensinamento da doutrina cristã na Península Ibérica.

Assim como estar presente na citação do título do trabalho: “Afasto-se do mal e pratique o bem”, retirada da Bíblia, na primeira carta do apóstolo Pedro (3.11), na qual ele alertou que o mal deve ser evitado e o bem deve ser praticado, nesse trabalho temos como objetivo perceber

⁴ Pesquisa de iniciação científica fomentada pela FAPEMA entre 2021 e 2022, sobre o título *A Visão de Túndalo como manual de comportamento cristão e sua circulação na Península Ibérica*, inserido no projeto *Educação, salvação e religiosidade: A Visio Tnúgdali e seu papel na tradição das narrativas visionárias medievais (séculos XIV-XVI)*, orientado pela Prof.^a Dra. Adriana Maria de Souza Zierer. Durante o período de vigência, o assunto me despertou muito interesse e com as leituras, apresentações em seminários e simpósios, ganhei mais experiência e optei por seguir com esse assunto para a monografia.

os vícios e as virtudes do cristianismo medieval dentro da narrativa. Mediante o estudo do contexto da Península Ibérica nos séculos XIV-XVI, período de crise política, econômica e social. Deste modo, podemos relacionar com as questões sociais e culturais no Medievo:

[..] trata-se, antes, de relacionar texto e contexto: buscar os nexos entre as idéias contidas nos discursos, as formas pelas quais elas se exprimem e o conjunto de determinações extratextuais que presidem a produção, a circulação e o consumo dos discursos. Em uma palavra, o historiador deve sempre, sem negligenciar a forma do discurso, relacioná-lo ao social.⁵

Também com a análise comparativa das fontes, destacando os espaços do Além (Inferno, Purgatório e Paraíso), para compreender como as menções aos vícios e as virtudes eram utilizadas nos ensinamentos sobre a doutrina cristã para Medievo, que tinha a vida permeada por tentações e pecados que poderia condená-lo ao Inferno, assim precisando evitar os pecados e praticar as virtudes, que o levaria ao Paraíso:

A vida social parece-lhe dirigida, em todos os níveis e em todos os seus mecanismos, por esse laço de solidariedade criminosa na qual está baseada: as relações entre homem e mulher são dominadas pela luxúria, o exercício do poder gera ambição e vaidade, a atividade econômica transforma-se em avareza, a corrente de subordinações alimenta a inveja.⁶

Desta forma, o trabalho é dividido em três capítulos: capítulo 1: Sociedade e cultura na cristandade medieval; capítulo 2: O Além-Túmulo na *Visão de Túndalo*; capítulo 3: A eterna morada dos eleitos no Paraíso.

No primeiro capítulo serão abordadas as mudanças na sociedade medieval que influenciaram no papel da Igreja Católica e no discurso cristão, bem como os impactos das crises dos séculos XIV e XVI, na sociedade da Península Ibérica período em que houve a circulação dos manuscritos aqui trabalhados.

⁵ CARDOSO, Ciro Flamarions e VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In. CARDOSO, Ciro Flamarions; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 540.

⁶ CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval: volume 2**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 379.

No segundo capítulo serão apresentados os espaços de punição do Além-Túmulo na narrativa, trabalhando, em especial as condutas e punições dos pescadores na abordagem sobre o uso dos vícios e a relação com as consequências que a alma pecadora venha a sofrer no Além-Túmulo, utilizando com os elementos tenebrosos do lugar de tormento para os pecadores no Inferno, o ambiente de purgação das almas que podem ser purificadas de seus pecados no Purgatório.

No terceiro capítulo será retratado o ambiente do Paraíso, lugar de felicidade para as almas daqueles que evitaram os vícios e seguiram os mandamentos da Igreja, praticando as virtudes, e assim, sendo um exemplo para os fiéis.

CAPÍTULO 1: SOCIEDADE E CULTURA NA CRISTANDADE MEDIEVAL

No período em que a Igreja Católica havia elevado seu poder e sua influência política na sociedade do ocidente medieval, a vida cotidiana passou a compreender os símbolos e valores do cristianismo nas diversas estruturas.

Conforme Johan Huizinga apontou: “A vida da cristandade medieval está, em todos os seus aspectos, permeada e saturada de representações religiosas. Não há coisa ou ação em que não se procure estabelecer constantemente uma relação com Cristo e com a fé.”⁷

No meio social, uma sociedade de ordens, uma estrutura social em que os membros tem sua classe social instituída por Deus no nascimento. No entanto, essa sociedade torna-se estamental, em que o homem pertence aquela camada da sociedade e permanecerá nesse mesmo estado.⁸

Com as funções estabelecidas, a estrutura social dividia-se entre os que oravam (*oratores*), os que lutavam (*bellatores*) e os que trabalhavam (*laboratores*). O primeiro grupo formado pelos membros da Igreja Católica, realizavam as atividades religiosas e os ritos litúrgicos, estabelecendo a conexão entre Deus e o ser humano.

O segundo grupo era composto pelos nobres, se responsabilizando pelo controle político, e no caso da cavalaria, incumbida da proteção dos medievos. O último grupo era formado pelos camponeses, que trabalhavam no campo, enquanto os servos, serviam aos membros da nobreza, que faziam parte do topo da pirâmide social. Sendo assim, a nobreza era legitimada por Deus para comandar o povo:

Um “povo triplo” compõe a sociedade: sacerdotes, guerreiros, camponeses. As três categorias são distintas e complementares, cada uma tem necessidade das duas outras. Seu conjunto forma o corpo harmonioso da sociedade [...]A casa de Deus, que se acredita com, é, portanto, dividida em três: uns rezam, outros combatem, os outros, enfim, trabalham.⁹

⁷ HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**: Estudo sobre as formas de vida e de pensamentos dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. 1ª ed. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021, p. 268.

⁸ FRANCO JUNIOR, Hilário. **As cruzadas**. Brasiliense, São Paulo: Brasiliense, 1999, p. 20.

⁹ LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016, p. 223.

Havia a necessidade de seguir os comportamentos cristãos, em busca da aprovação da estrutura vigente. Desta forma, influenciando na cultura com vestimentas adequadas para o corpo e uma alimentação correta sem excessos. A religião era presente, no nascimento, com os batismos de crianças, no casamento, a fim de sacramentar a união de duas pessoas e na morte, com os ritos necessários para a partida tranquila da alma. Na economia com o predomínio da agricultura em detrimento do comércio, concomitante a relação de fidelidade entre senhor e servo, suserano e vassalo.

Cada momento da existência era relacionado com a religião cristã no endorso para que o homem trilhasse um caminho correto aos olhos da Igreja. Isso incluía, é claro, o tempo. O calendário do mundo seguia a história do mundo segundo o cristianismo. A criação do mundo, com as primeiras criaturas e os primeiros seres humanos Adão e Eva. A entrada do pecado na humanidade. A vinda e o sacrifício de Jesus Cristo como forma de expiação do pecado nos homens.

Por último, o fim dos tempos, acompanhado da volta de Cristo para levar os seus fiéis para o Paraíso, conforme foi retratado no Apocalipse de João, o livro profético da Bíblia. Desse modo, a cristandade aguardava esse fim, para uma história que já teve seu início e meio:

Tempo religioso porque o ano é antes de tudo o Ano Litúrgico. Mas, característica essencial da mentalidade medieval, o Ano Litúrgico segue o drama da Encarnação, e a história de Cristo, do Advento ao Pentecostes, foi aos poucos sendo marcada por momentos, por dias significativos, extraídos de outro ciclo, o dos santos. As festas dos grandes santos vieram permear o calendário cristológico, e a Festa de Todos os Santos (1º de novembro) tornou-se, ao lado do Natal, da Páscoa, da Ascensão e do Pentecostes, uma das grandes datas do calendário religioso.¹⁰

Isso repercutia na vida diária, nas relações e nas festividades cristãs, que resgatavam as memórias de eventos ou de símbolos cristãos, mantendo-os sempre vivos na mentalidade dos fiéis, enquanto era aguardado o último estágio da história da humanidade.

Na concepção cristã, ocorreria o final dos tempos, e conseqüentemente o Juízo Final, em que o homem seria julgado por Deus, de acordo com seus atos na vida terrena. Um dos

¹⁰ *Ibid*, p.149.

eventos que originaria o Juízo Final, era a segunda vinda de Cristo, após mil anos desde sua primeira passagem pela terra.¹¹

Sendo assim, o começo de um novo milênio trazia a expectativa da volta de Cristo, mas também o receio com os eventos antes do aguardado momento, sobretudo, em momentos de ondas de fome, epidemias e conflitos, manifestando a necessidade de garantir a salvação. Nesse período surgem os movimentos heréticos, com noções acerca da vida cristã diferente, mais como Cristo e menos com o que a Igreja expressava naquele período:

O traço comum a todas elas era o claro e firme desejo de pureza. Elas viam a salvação dependendo apenas do comportamento irrepreensível do homem, negando valor ao batismo, à Eucaristia, à confissão, à sepultura em solo sagrado. Pregavam a vida na pobreza, a mortificação do corpo, o abandono dos confortos e prazeres materiais, sobretudo sexual.¹²

Com a Igreja sendo confrontada diante das suas condutas, que não seguiam a moralização pregada pelos hereges, as lideranças eclesásticas decidiram fazer profundas mudanças na Igreja, que refletiram na vida da Cristandade medieval.

1.1 CULTURA RELIGIOSA E REFORMAS NA IGREJA

A Igreja e seus membros eram considerados os representantes de Deus na terra, contudo, esta instituição por vezes não apresentava a conduta moral esperada de um setor da sociedade, responsável pelas práticas religiosas cristãs no Ocidente Medieval.

Alguns setores, como as ordens mendicantes, buscavam uma Igreja conforme os moldes da Igreja primitiva, que surgiu ainda no Império Romano, sendo suas condutas inspiradas na forma como Jesus Cristo e seus apóstolos viveram. Esse estilo de vida buscado por esses grupos religiosos envolvia não ter posses e família, praticando a castidade e pregando os ensinamentos de Cristo:

¹¹ TÖPFER, Bernhard. Escatologia e Milenarismo. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 353.

¹² FRANCO JÚNIOR, Hilário. **O ano 1000: Tempo de medo ou esperança?** São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p.47.

A Igreja primitiva voltava a ser o modelo dos monges e dos cônegos, assim como a imitação da *vita vere* (“vida verdadeiramente apostólica”) – que consistia em levar a vida não mais conforme as normas da instituição eclesiástica, mas de acordo com o Evangelho-mostraria a que ponto os milhares de *pauperes Christi* (“pobres de Cristo”), pregadores itinerantes que trabalhavam no limite da heresia, e frequentemente além dele, haviam se distanciado da “Igreja clerical”.¹³

Para Brenda Bolton, a solução foram as Reformas empregadas na Igreja, iniciadas no século XI. Uma das medidas consistiu em tornar o celibato obrigatório entre os clérigos, de modo que, eles não poderiam ter união em matrimônio e possuir filhos.

Da mesma forma, ter bens ou propriedades tornava-se proibido, diferenciando os clérigos dos leigos, ao seguir uma conduta semelhante a Cristo, originando-se uma prática cultural na sociedade católica, de distinção entre leigos e clérigos, estes últimos sendo considerados santificados:

Os remédios postos em prática para combater esta situação eram o isolamento do clero acompanhado pela elevação da dignidade sacerdotal, o controlo dos cargos eclesiásticos e a imposição do celibato do clero nos mosteiros ou em instituições semelhantes e, sumamente importante, a eliminação da ingerência laica nas nomeações para cargos da Igreja.¹⁴

O papa Nicolau II concentrou as tarefas eclesiásticas nas mãos dos clérigos, retirando a interferência dos leigos nos assuntos clericais, como na nomeação de cargos clericais ou na escolha do papa, cuja escolha também envolvia o imperador:

Nessa mesma época teve lugar o divórcio litigioso entre o *sacerdotium* Sacerdócio) e o *imperium* (“império”), divórcio consumado pelo papa com o nome de *libertas ecclesiae* (“libertação da Igreja”) contra ingerências externas no procedimento de nomeação de seu pessoal.¹⁵

¹³ ARNALDI, Girolamo. Igreja e Papado. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**: volume 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p.647.

¹⁴ BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**: século XII. Lisboa: Edições 70, 1983, p.20.

¹⁵ ARNALDI, loc.cit., p.647.

Nesse período a Igreja Católica se consolidou como uma instituição regida pelos próprios membros e com sua governança separada do império, centralizada no papa, o que ficou conhecido como Reforma Eclesiástica ou Papal.

No entanto, com essa separação entre leigos e clérigos, o homem adquiriu mais consciência sobre sua humanidade pecadora, de modo que, a salvação tornou-se uma preocupação pessoal do homem medieval, pois cada um lidará com o julgamento de suas próprias condutas, daí a importância a partir de então do livre arbítrio do ser humano.

Segundo Marie-Anne Polo de Beaulieu, a população leiga poderia ser instruída na religião cristã por meio de pregações, sermões ou *exempla*, histórias curtas consideradas verídicas e de cunho moralizante, utilizados dentro destes sermões, assim, os homens das classes mais baixas, e conseqüentemente, menos eruditos, assimilavam os ensinamentos.¹⁶

Esses escritos eram produzidos por monges, que dentre os religiosos, eram considerados os mais puros, permanecendo em meditação e jejum nos mosteiros, que cresceram após a reforma que se inspirou no comportamento dos apóstolos testamentários nos demais setores da Igreja.

Entre as ordens monásticas, uma que se destaca aqui, é a Ordem Cisterciense, cujos monges dedicavam suas vidas a Deus, vivendo uma vida modesta e tentando seguir a perfeição. De acordo com Lester Little, o número de mosteiros quase dobrou em quase um século, atestando esse fato: “Em 1153, quando da morte do mais célebre cisterciense, Bernardo de Claraval, a Ordem Cisterciense contava 343 mosteiros. No final do século XII, eles eram mais de 500.”¹⁷

Foi durante o século XII, que muitas narrativas visionárias foram produzidas, que contavam a história de pessoas que viajaram para o Além-Túmulo, sendo os monges os principais produtores desses tipos de escritos, que eram direcionados para que a população leiga pudesse ter acesso oralmente e se inspirar nos relatos:

O grande período dessas viagens imaginárias é o século XII, chamado por Delumeau de a Idade do Ouro das viagens ao Além. Os mosteiros cluniacenses e cistercienses tiveram grande importância na elaboração e difusão do conteúdo dos manuscritos, que eram não somente para serem lidos nos

¹⁶ BEAULIEU, Marie-Anne Polo de. Pregação. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**: volume 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 418.

¹⁷ LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. loc.cit., p.268.

ambientes monásticos, como também para serem transmitidos oralmente à população.¹⁸

Um destes relatos muito disseminado no Ocidente europeu, foi a *Visio Tnugdali*, que foi traduzida para muitos idiomas, como o francês, o inglês, o português e o castelhano, sendo esses dois últimos idiomas, as versões utilizadas nesse estudo, que circularam entre os séculos XIV e XV, e no século XVI, respectivamente.

Conforme Adeline Rucquoi, foi durante esse período do início do século XIV, que as Reformas da Igreja ganharam força na Península Ibérica, coincidindo com o período de fome e peste, sensibilizando os ibéricos com os discursos sobre juízo final de ordens medicantes, necessitando de um clero moralizado.¹⁹

1.2. CRISE E CONFLITO NA CRISTANDADE

Para a Igreja a espera pelo Juízo Final devido a crise e os conflitos durante esse determinado período, era um meio eficiente de educar os medievos acerca dos cumprimentos dos mandamentos cristãos para conseguir a salvação no momento do juízo final.²⁰

O período dos séculos XIV e XV, foi marcado por uma crise generalizada no Ocidente Medieval. O primeiro fator foi a fome, que devido às más colheitas, acarretava a escassez de alimentos, causando a desnutrição e a morte, assim, aumentando a taxa de mortalidade entre os Medievos:

A queda da produtividade e da produção agrícolas veio somar-se, no começo do século XIV, uma série de fases de escassez muito acentuada: independentemente das causas circunstanciais de suas aparições (como sempre, condições climáticas adversas contra as quais a agricultura da época era impotente), essas crises foram o sinal de um mal-estar estrutural, de

¹⁸ ZIERER, Adriana. A Visão de Túndalo: da danação à salvação numa viagem imaginária medieval In: NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Túmulo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista - FAPESP, 2015, v.1, p. 168.

¹⁹ RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editora Estampa, 1995, p.306.

²⁰ TÖPFER, Bernhard. Escatologia e Milenarismo. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 364.

desequilíbrio de fundo – no contexto técnico e econômico-social da época-entre a população e os recursos.²¹

Somado a isso, temos o segundo fator: as epidemias, que ocorreram em círculos de contágios ao longo de séculos, encontrando os Medievos enfraquecidos com a fome, se propagando em grande velocidade. Dentre as enfermidades a mais conhecida foi a peste bubônica, uma infecção bacteriana que contamina em sua maioria homens e roedores.²²

Assim como a peste, outras doenças trouxeram um rastro de destruição e morte nas populações ou contribuíram para intensificar problemas que os Medievos já enfrentavam, durante seus períodos de contágio, como lepra, varíola, gripe pulmonar, entre outros.

Conforme atestou Jean Delumeau: “Mais frequentemente, na Europa, tratou-se da peste, sobretudo durante os quatro séculos que correm de 1348 a 1720. Entretanto, no decurso desse longo período, outros contágios dizimaram também as populações ocidentais...”²³

O terceiro fator foi a violência na guerra. Entre 1337 e 1453, ocorreram uma série de batalhas que ficou conhecida como Guerra dos Cem Anos, motivado pelas disputas da coroa inglesa e a coroa francesa pelo trono francês, que ficou vazio após a morte de Carlos IV, sem herdeiros.

No momento de consolidação dos Estados Nacionais, o conflito não só envolveu Inglaterra e França, mas outros reinos aliados, em especial os Reinos de Aragão e Castela, do lado francês, e o Reino de Portugal, ao lado da Inglaterra.

Além da violência nos campos de batalha, as cidades das redondezas eram saqueadas e pilhadas, causando morte e destruição para as populações que habitavam na região. Os lugares que não passavam por esses ataques, eram dominadas por senhores da guerra, que controlavam o comércio.²⁴

²¹ MONTANARI, Massimo. Alimentação. **Op. Cit.**, p. 43.

²² BERLIOZ, Jacques. Flagelo. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**: volume 1. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 516.

²³ DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.154.

²⁴ BERLIOZ. **Op. Cit.**

Mais adiante, ao posicionamento na guerra entre França e Inglaterra, Castela e Portugal também possuíam seus conflitos, no interesse do monarca castelhano pelo trono português, resultando nas sucessivas invasões de Castela ao território português.²⁵

O Reino de Castela e Aragão também tiveram seus conflitos entre seus monarcas. Decorrendo com uma guerra civil na Coroa de Castela, onde um setor da nobreza ficou dividida entre o atual rei Pedro I e seu meio-irmão, Henrique de Trastâmara, fruto de uma relação ilegítima do antigo monarca Afonso XI com Leonor de Gusmão, uma nobre. Ao fim desta disputa, o filho ilegítimo conquistou o trono de Castela e se tornou o rei Henrique II.

A decorrência de conflitos externos e internos, trouxe como consequência para as nações da Península Ibérica, gastos excessivos com armamentos e mantimentos para os soldados na guerra no momento em que a sociedade sofria com escassez de alimentos e enfermidades.

Com o casamento de Fernando de Aragão e Isabel de Castela, houve a união das monarquias de Castela e Aragão no final do século XV, tornando-se no que é nos dias de hoje a Espanha, que até aquele momento o território ainda enfrentava dificuldades nas más colheitas e na carência de alimentos para a população, ocorrendo também o aumento dos preços.

A Cristandade foi abalada com a Reforma Protestante, em que alguns dogmas da Igreja foram contestados, causando assim uma cisão no cristianismo medieval, entre católicos e protestantes.²⁶

Princípios como a salvação pelas obras, a vida humilde e a legitimação de um governante como escolhido de Deus foram deixadas de lado com a diminuição de fiéis e a adoção de alguns países ao protestantismo, impactando de alguma forma na vida na cristandade europeia.

Para o imperador Carlos V, no momento em que os mouros haviam sido expulsos do território da Península Ibérica, era necessário manter a unidade da Cristandade católica, e conseqüentemente a união de seu império, que se estendia pela Europa e nas colônias da América Espanhola, com o apoio da Igreja.

No Concílio de Trento, que ocorreu de 1545 a 1563, se discutiu as bases para a contrarreforma, que foi a resposta para a cisão causada pelo protestantismo, por meio de reformas na Igreja Católica, a fim de se manter fortalecida.

²⁵ VALDEÓN, Julio. **História de Espanha**. Lisboa: Edições 70, 2014, p.76.

²⁶ PÉREZ, Joseph. **Op.cit.**, p.125.

No Reino de Portugal, em específico, a Inquisição havia sido instaurada para evitar práticas heréticas, entre elas a circulação de livros protestantes, que contrariassem os elementos do discurso cristão.²⁷

²⁷ MARQUES, João Francisco; GOUVEIA, António Camões. **História religiosa de Portugal**. Rio de Mouro: Printer Portuguesa, Ind. Gráfica, 2000, p.70.

CAPÍTULO 2: O ALÉM-TÚMULO NA VISÃO DE TÚNDALO

Tanto no Egito como na Babilônia, até entre os gregos havia a crença no Além-Túmulo, principalmente na disseminação de histórias de pessoas que teriam chegado ao outro lado. Para a maioria dos povos antigos, o submundo era apenas um lugar onde os mortos repousam.

Desde sua origem havia uma grande influência dos Egípcios; mais tarde, dos Cananeus, dos Babilônicos e, até mesmo, dos Gregos. Por isso, podemos imaginar que sua compreensão do mundo dos mortos não era muito diferente da compreensão dessas culturas [...] havia no imaginário do antigo Israel a ideia de que o mundo dos mortos estaria nas profundezas, como um submundo. Este seria um “lugar” de escuridão, onde a sombra representa a ausência de luz.²⁸

Constantemente as descidas para o submundo eram retratadas nas religiões antigas como jornadas perigosas para o indivíduo considerado mau perceber seus erros e suas culpas, a fim de se redimir.

De acordo com Sebastiana Nogueira: “Descida ao submundo era um tema constante nessa tradição e se caracterizava como uma viagem perigosa na qual o triunfo do espírito sobre má conduta, culpa e desejo era revelado.”²⁹

Foi só no final do Antigo Testamento, mais especificamente no Livro do profeta Daniel, que se passou a conceber uma vida após a morte no Judaísmo e mais tarde se pensou em um lugar reservado para os maus sofrerem tormentas eternas no fogo.

Isso foi evidenciado no Novo Testamento com a história presente no evangelho de Lucas (16.19-31), O rico e o Lázaro, que se trata sobre um homem pobre chamado Lázaro e um homem rico. Quando ambos morrem, o primeiro vai para o Seio de Abraão, um lugar de paz, enquanto o homem rico vai para um lugar de sofrimento.

²⁸ SOUSA, Ágabo Borges de. Além-mundo no Antigo Israel e nas religiões do Oriente Próximo. NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015, p.33.

²⁹ NOGUEIRA, Sebastiana. M. da Silva. Visionários e seus apocalipses: do judaísmo, do Novo Testamento ao misticismo judaico. **Op. Cit.**, p.44.

Nas passagens da Segunda Carta aos Coríntios, Paulo relatou uma viagem de um homem que teria visitado o Além, onde ele viu as almas de justos sendo levadas para os céus e as almas de pecadores no Inferno, sofrendo sete tipos diferentes de tormentos.

No livro de Apocalipse, localizado no Novo Testamento, o apóstolo João fez por meio de cartas para as Igrejas uma descrição do fim dos tempos, com a destruição do mundo terreno e a construção de um Paraíso terrestre.

Esses dois relatos se destacam como as primeiras narrativas visionárias pelo apocalipse cristão, conforme Sebastiana Nogueira traz: “Relatos de ascensão ao céu não são comuns na literatura do Novo Testamento. Dois textos se destacam pelo conteúdo de uma narrativa de ascensão durante a vida do visionário: O Apocalipse de João e 2 Coríntios 12.”³⁰

O Além Medieval se formou assimilando os elementos de outras crenças, tanto na organização dualística quanto na ambientação desses espaços e na presença de seres mitológicos no Hades e os Campos Elíseos da religião greco-romana e o fogo do Shéol no judaísmo. Tanto entre os judeus quanto os gregos, se pensava em um julgamento após a morte do homem:

Das religiões e das civilizações anteriores, o cristianismo herdara uma geografia do além; entre as concepções de um mundo dos mortos uniforme – como o shéol judaico – e as ideias de um duplo universo após a morte, um tenebroso e o outro bem-aventurado, como o Hades e os Campos Elíseos dos romanos, ele escolhera o modelo dualista.³¹

Desta forma, desde a Antiguidade, as viagens ao Além já possuíam o objetivo de avaliar maus comportamentos do indivíduo, resultando numa correção e mudança de hábito, como o protagonista do relato estudado nessa pesquisa, a *Visão de Túndalo*, na qual se tem o cavaleiro Túndalo (ou Don Túngano na versão castelhana), pertencente a uma linhagem nobre e que não se importava com a salvação de sua alma.

³⁰ *Ibid*, p.60.

³¹ LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial. Estampa, 1993, p.10.

Quadro 1: Semelhanças nas versões ibéricas do relato

Acontecimento	Códice 244	Códice 266	Visión de Don Túngano
A alma do cavaleiro deixou seu corpo. ³²	Presente	Presente	Presente
O cavaleiro se encontrava no leito.	Presente	Presente	Presente
Sua alma foi atacada por demônios.	Presente	Presente	Presente
Um anjo o salvou dos demônios.	Presente	Presente	Presente
A alma foi levada para o Inferno. ³³	Presente	Presente	Presente
A alma sofreu alguns castigos. ³⁴	Presente	Presente	Presente
O Purgatório foi mencionado.	Presente ³⁵	Ausente	Presente ³⁶
A alma foi para o Paraíso. ³⁷	Presente	Presente	Presente
Despertar de Túndalo/Túngano como um novo homem. ³⁸	Presente	Presente	Presente

³² *Visão de Túndalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 101 (Códice 244).

³³ *Ibid.*, p.103.

³⁴ *Ibid.*, p.105.

³⁵ *Ibid.*, p.109.

³⁶ *Historia del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.9.

³⁷ *Op.cit.*, 1895, p. 101 (Códice 244).

³⁸ *Ibid.*, p.120.

Como ficou especificado no quadro 1, na primeira versão *Visio Tnugdali*, escrita em 1149, o cavaleiro teria ido até outra cidade para cobrar uma dívida, mas ao chegar no seu destino, o devedor pediu que Tundal aguardasse o pagamento e o convidou para fazer uma refeição, mas antes que o cavaleiro colocasse a comida em sua boca, ele se sentiu mal e a sua alma deixou seu corpo.

Na versão castelhana, Don Túngano era originário da cidade de Tierga, atualmente localizada na Espanha, evidenciando a adaptação do relato ao contexto castelhano, desses modos, os ouvintes poderiam melhor compreender.

Sendo descrito como um jovem de vinte e cinco anos, bonito e forte, que gostava de desfrutar dos prazeres terrenos, não frequentava a igreja, não doava para os pobres e não se preocupava com a salvação de sua alma.

Como foi descrito nesse trecho: “Era este don Túngano **natural de com ciudad que era llamada Tierga**. Era mancebo de **edad de veinticinco años**, era muy apuesto y **muy hermoso** sobre cuantos hombres en el mundo en su tiempo había.”³⁹ (**grifos nossos**)

Nas versões portuguesas, o códice 244 e o códice 266, podemos ver no quadro que não foi esclarecido o que Túndalo fazia, somente que a sua alma saiu de seu corpo, deixando o cavaleiro desacordado por três dias e não sendo enterrado por causa de um calor em seu peito.

Como na seguinte passagem: “Esto durou des quarta feyra hora decima. Ataa o ssabado hora prima em tal maneyra que todos euidanan que era morto. E fora ia soterrado non sendo huma pouca de quentura que tinha no costado sestro.”⁴⁰

Enquanto que na outra versão de Toledo, Don Túngano já estava em estado de quase morte, estando cercado de pessoas no seu leito, como podemos identificar no trecho da fonte, com a presença de clérigos, leigos e até mulheres, que acompanhavam o acontecido com o cavaleiro quase morto:

Esto qui desde el miércoles a hora de vísperas hasta el sábado a la misma hora de vísperas. Y yacía com tal guisa que todos cuidaban que era muerto, y le hubieran enterrado, sino por com poco que le hallaban caliente com el rostro siniestro. Y así estando com día que era sábado a hora de vísperas, comenzó a despertar y **abrió los ojos y vio ende muchos clérigos, legos y mujeres** que

³⁹ *Historia del Virtuoso Cavaleiro Dō Túngano*. Toledo, 1526, p.1.

⁴⁰ *Visão de Túndalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. *Revista Lusitana*, 3, 1895, p. 101. (Códice 244).

eran venidos, como a hombre que estava muerto para enterrarlo.⁴¹ (**grifos
nossos**)

Na quarta linha do quadro, ambas as fontes apresentam que logo que a alma do cavaleiro deixou seu corpo, demônios o cercaram para castiga-lo pelos seus pecados, pois, após a morte a alma iria logo para seu lugar de destino e por ser um pecador o seu destino era o lugar de castigos.

Comumente, o momento da morte do homem, era simbolizado pela batalha entre o bem e o mal pela alma do moribundo, que se encontrava em seu leito, enquanto os demônios se precipitavam sobre sua alma e os anjos traziam calma.

Entretanto, um anjo interviu e o resgatou daquela tribulação. Esse anjo se apresentou como seu anjo da guarda, que sempre esteve presente com Túndalo/Túngano desde seu nascimento, mas ele não conseguia vê-lo. O anjo também acompanhava o cavaleiro e tentava guia-lo pelo caminho certo, mas Túndalo/Túngano nunca seguia seus conselhos e seguia sua própria vontade mundana.

Como no trecho a seguir: “Agora me chamas tu senhor e padre, quando te uees em coita, o que ante non fazias [...] sempre eu fuy contigo, des o dia em que nacisti, e hya contego hu quer tu hyas. Mais tu nunca quiseste qui meus conselhos, nem fazer a minha uoontade.”⁴²

Conforme Philippe Faure, os anjos eram conhecedores dos céus e mensageiros de Deus, atuando também como protetores, semelhante a função do anjo da guarda de Túndalo/Túngano, que manifesta seu papel de proteger e guiar o cavaleiro não apenas no Além, mas também na vida terrena:

Entre os dois, o anjo encontra seu lugar e suas funções. Estas parecem fundamentais: os anjos são inseparáveis da manifestação de Deus em glória; eles permitem representar o drama da origem do mal e do fim dos tempos; são os mensageiros da vontade divina, os reveladores de segredos celestes, os guias e os companheiros do homem, Aqui e no Além.⁴³

⁴¹ *Historia del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.1.

⁴² *Visão de Túndalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. *Revista Lusitana*, 3, 1895, p. 103. (Códice 244).

⁴³ FAURE, Philippe. Anjo. In: *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 74.

Durante a jornada, o anjo acompanhou a alma de Túndalo/Túngano, que conheceu os espaços do Além-Túmulo, sendo o destino de todos os mortos e onde cada um prestará contas com Deus.

Para o homem medieval, haviam dois mundos, um de tentação e outro de maravilhas, sendo o primeiro, a vida terrena, apenas um lugar de passagem, onde o homem seria um viajante, cuja a alma após a morte seguiria para outro destino.⁴⁴

Durante a jornada, o anjo acompanhou a alma de Túndalo/Túngano, que conheceu os espaços do Além-Túmulo, sendo o destino de todos os mortos e onde cada um prestará contas com Deus.

No entanto, apesar de ser a alma do cavaleiro que estava vagando pelo Além, ele ainda poderia sentir as sensações como se estivesse em um corpo, tal como as almas dos espaços de punição, que eram torturadas e sentiam dores físicas:

Mesmo as "almas separadas" passavam por ser dotadas, no Além, de uma forma de passividade quase corporal: embora a privação da visão de Deus seja, em princípio, a pena (espiritual) mais amarga, os tormentos do "fogo corporal" que as queima no Purgatório inquieta bem mais os vivos que daqui da terra rezam por seus pais mortos.⁴⁵

Conforme o quadro 1, o Inferno e o Paraíso aparecem em todas as fontes, porém o Purgatório é ausente no códice 266, onde não foi mencionado.

O primeiro espaço foi o Purgatório ou Inferno superior, um lugar de purgação dos pecados de almas que se ainda têm chance de se salvar, mas precisam passar pelas punições, a fim de expiar seus pecados e seguir para o Paraíso.

O segundo lugar foi o Inferno ou Inferno inferior, habitação do Diabo e o lugar de danação eterna das almas daqueles que não cumpriram os mandamentos da Igreja, seguiram os desejos do corpo e não se arrependeram.

O último espaço era o Paraíso, espaço de felicidade eterna das almas daqueles que praticaram os mandamentos da Igreja e a justiça de Deus. Esse lugar era tão agradável que o cavaleiro desejou ficar, porém precisou retornar para o seu corpo e adquirir uma conduta melhor para ser digno do Paraíso.

⁴⁴ ZIERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII). *Mirabilia* v 02, p. 152, Dezembro de 2002.

⁴⁵ SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e Alma. loc.cit., p. 258.

O quadro a seguir exemplifica os elementos desses espaços do Além, que eram repulsivos ou atrativos:

Quadro 2: As características do Além e os órgãos dos sentidos⁴⁶

Órgão dos sentidos	Inferno e Purgatório	Paraíso
Visão	Escuro	Claro
Olfato	Mau odor	Bom cheiro
Paladar	Gosto metálico	Sabor dos alimentos
Audição	Gritos das almas	Melodia das almas
Tato	Objetos de tortura	Roupas macias

Seguindo o quadro 2, podemos perceber as características dos espaços do Além de acordo com os órgãos dos sentidos, representando os aspectos dos espaços de punição, Inferno e Purgatório, como lugares evidentemente negativos, e o Paraíso como um lugar visivelmente positivo.

Na primeira linha, com a visão, os ambientes infernais eram profundos e escuros, enquanto o Paraíso era um ambiente aberto tomado pela claridade. No olfato, os primeiros espaços possuem um mau cheiro devido as almas maltratadas e queimadas, em comparação ao perfume das flores e o aroma dos alimentos no Paraíso.

No seguinte, o paladar revelar o gosto metálico gerado pela tortura com os ferros, mas no Paraíso, há os sabores dos alimentos apetitosos. Na audição, se tem os gritos de sofrimentos

⁴⁶ ZIERER, Adriana. A Visão de Túndalo: da danação à salvação numa viagem imaginária medieval In: NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Túmulo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista - FAPESP, 2015, v.1, p. 176.

das almas torturadas, em detrimento do Paraíso, em que as almas cantam louvores acompanhados de instrumentos musicais, compondo belíssimas melodias.

Por fim, o tato mostrava os objetos pontiagudos usados para punir as almas, entretanto, no Paraíso, as almas usam roupas macias e coroas com ouro e pedras preciosas confortáveis. Deste modo, o ouvinte entenderia melhor as implicações de ter como destino o Inferno e iria preferir herdar o Paraíso.

Com a produção dessa narrativa em um mosteiro, podemos perceber a participação da Igreja na criação desses relatos de cunho moralizante, para uma sociedade composta por uma população em sua maioria leiga, era necessário, o uso de formas de ensino de fácil compreensão.

Essa narrativa retratando a história de um cavaleiro pecador que passou pelos espaços do Além e após a sua jornada, optou por levar uma vida seguindo os preceitos cristão, servia a esse propósito.

2.1. VÍCIOS E PUNIÇÕES NO ALÉM-TÚMULO

Na criação o homem havia sido criado a “imagem e semelhança de Deus” em Gênesis (1.26-27), até que o pecado entrou na humanidade através do primeiro homem, o pecado passou a ser parte de cada ser humano. O homem que era perfeito agora possuía uma natureza corruptível, sendo cada um pecador com a tendência a desejar fazer a vontade do corpo.

Essa disposição era o vício, na qual o homem precisava se manter firme, pois sendo uma vontade inerente da natureza humana de praticar o pecado, não haveria como passar sem a forte tendência ao mau na vida terrena:

O vício, corrupção torna-se da segunda natureza da alma em consequência do Pecado Original, e o ato pecaminoso, ação puramente exterior que nem sempre implica a vontade, não podem, nem um nem outro, ser imputados à responsabilidade humana nem identificados com o pecado, pois este consiste no assentimento da vontade humana às tendências viciosas.⁴⁷

Assim, o pecado era inerente à humanidade, se originando da parte irracional do homem, contudo, o vício era um ato pecaminoso realizado de forma racional, restando ao homem lutar contra os vícios. Com a natureza pecaminosa e a semelhança com Deus, o ser humano levaria

⁴⁷ CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**: volume 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 384.

uma vida baseada em evitar o pecado e seguir os princípios cristãos, assim, evitando a danação eterna e conquistando o Paraíso após a morte.⁴⁸

Classificados em sete pecados (ira, inveja, orgulho, avareza, preguiça, luxúria, gula) que foram organizados de acordo com as más condutas da vida cotidiana, que como Jérôme Baschet colocou, se ramificavam em outros diversos pecados: “Esses pecados são ditos capitais porque se engendram uns aos outros e, sobretudo, porque cada um deles é o ponto de partida de ramificações que dão nascimento a numerosos pecados derivados...”⁴⁹

Desta forma, cabia a Igreja a função de ensinar e orientar para que o homem evite o mal, pratique o bem, ou seja as virtudes e alcance a salvação, além de manter a ordem social, em que cada um possuía suas funções estabelecidas:

O enorme sucesso da moral dos vícios e virtudes liga-se ao fato de que ela oferece um discurso totalizante sobre o mundo ou, mais exatamente, um discurso sobre a ordem da sociedade conforme os critérios clericais. Ao mesmo tempo, a dualidade moral é a justificativa fundamental da intervenção da Igreja na sociedade, que visa liberar os homens do pecado, protegê-los do mal e mantê-los no correto caminho leva à salvação.⁵⁰

Adicionado a prática da ação pecaminosa, o infrator sofria o destino de sofrer a danação e permanecer afastado de Deus, nos espaços infernais, ao contrário dos praticantes das virtudes que herdaram o Paraíso e encontram-se próximos do brilho da glória celeste:

A mais terrível é a danação, quer dizer, a privação de Deus, à qual se juntam diversos tormentos psicológicos como a desesperança, o remorso ou a raiva de ver os eleitos gozarem da glória celeste. O fogo, que queima sem clarear, é a principal pena corporal, mesmo se ele é muitas vezes acompanhado de vermes, do frio e das trevas, igualmente mencionados nas Escrituras.⁵¹

Além disso, havia uma categoria de pecados considerados mais brandos, delitos cotidianos ou mais leves, denominados de pecados veniais, na qual a alma ainda poderia obter o perdão, expurgando seus pecados no ambiente intermediário do Purgatório e obtendo a chance de ir para o Paraíso.

Como foi abordado por Carla Casagrande e Silvana Vecchio: “Entre as diversas modalidades de pecado, existe uma que goza de estatuto particular: a divisão em pecados

⁴⁸ LE GOFF, Jacques. Além. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 22.

⁴⁹ BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006, p.377.

⁵⁰ *Ibid.*, p.376.

⁵¹ *Ibid.*, p.396.

mortais e veniais. Os primeiros são os que arrastam à danação eterna, os segundos não condenam à morte, mas a uma pena de expiação.”⁵²

Para evitar esse mal dos vícios era necessário arrependimento e confissão dos pecados, que eram incentivados por meio de discursos religiosos, sermões, exempla, ou mesmo narrativas visionárias, como a *Visão de Túndalo* que ilustram essa questão e levam o ouvinte a enxergar essa necessidade do arrependimento e da confissão:

O penitente deve ser, antes de tudo, convencido da utilidade da confissão e habituado à prática de introspecção e enunciação dos pecados: a intensa atividade de pregação que se desenvolve durante o século XIII, especialmente nas Ordens Mendicantes, pode ser vista, em grande parte, como uma espécie de ampla catequese da penitência (prédicas que impelem à confissão, exempla que ilustram sua eficácia, sermões sobre os vícios e os pecados etc.)⁵³

Mesmo que o pecado estivesse presente no cotidiano daquela pessoa, seja em sua profissão ou convivência social, a confissão de seus pecados iria assegurar que ela poderia ser salva, como traz Bárbara Lopes: “Como vimos, a proximidade de um indivíduo dos pecados mais chegados a seu ofício podia torná-lo um pecador cotidiano. A confissão desses pecados, contudo, faria dele um indivíduo mais próximo da salvação.”⁵⁴

Dentro da narrativa vemos as consequências da prática dos vícios, tanto no cavaleiro, que viria a sofrer alguns castigos no Purgatório, por causa dos pecados de roubo, gula, fornicção e avareza, quanto nas outras almas atormentadas. E do mesmo modo, temos as recompensas das práticas das virtudes, nas almas dos eleitos.

2.1.1. O ESPAÇO INTERMEDIÁRIO DO PURGATÓRIO

O primeiro espaço que Túndalo/Túngano visitou dos espaços de punição foi o Purgatório, que apesar de não ser bem delimitado nas fontes, era descrito como um ambiente profundo e escuro, com a presença de fomalhas, mesas de tortura, objetos afiados, entre outros instrumentos utilizados para castigar as almas.

O lugar tinha apenas como iluminação o fogo das fomalhas e tochas, utilizados para torturar e queimar as almas durante a execução de suas penas. O som dos gritos agoniantes das

⁵² CASAGRANDE; VECCHIO. Pecado. **Op.cit.**, p. 388.

⁵³ *Ibid.*, p.391.

⁵⁴ LOPES, Bárbara Macagnan. A confissão e os pecados capitais no Portugal do fim do século XV ao início do XVI. **Revista Historiador** Especial Número 01. Julho de 2010, p.132. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>.

almas preenchia o ambiente, enquanto o ar era permeado pelo mal cheiro de corpos apodrecendo.

Como foi descrito nesse trecho do códice 244: “E chegaram a huun malle de **teebras**, muyto spantoso e era **muy fundo** e **muy carnoento**, e tynha huma eubertura de ferro em que podia auer sete conedos em grosso, e tanto ardia que se noluia em carmões accesos per ella. E **fedia muy mal.**”⁵⁵ (**grifos nossos**)

Esse espaço do Além é ausente no códice 266 e na versão latina, escrita pelo monge Marcus, pois foi produzida antes do Purgatório existir, pois até o século XII, o termo “Purgatório” não fazia parte do discurso cristão.

Nas crenças antigas havia um terceiro lugar entre os dois extremos e relatos nas passagens bíblicas sobre a existência do “*Refrigerium*”, um espaço em que os mortos estariam aguardando o Julgamento Final, partindo da premissa de que as almas após a morte não iriam logo para o Inferno ou Paraíso, mas num lugar de descanso até o fim dos tempos.

No entanto, nas fontes da narrativa, percebemos que algumas almas passam por um juízo interno e são designadas para o Inferno ou o Paraíso, enquanto para as almas intermediárias, restava a purgação no Purgatório, como ocorreu com a alma do cavaleiro que ao deixar seu corpo foi cercada por demônios para ser castigado. Porém, a premissa de um lugar intermediário já era pensada no judaísmo.

No Medievo, o terceiro lugar surgiu com Gregório, o Grande, baseado no que Santo Agostinho descreveu ao fazer referência à existência de um Inferno superior e um Inferno inferior para uma categoria de “pessoas não totalmente boas e não totalmente más.”⁵⁶

O Inferno superior seria um lugar mais alto, sendo um lugar de castigo das almas menos infratoras. Enquanto o Inferno inferior guardava as piores almas, e conseqüentemente estava mais distante dos céus. Diferente das almas julgadas como pecadoras, que deveriam sofrer a danação eterna no Inferno, ao lado do Diabo e seus demônios.

Para Hilário Franco Júnior, o Purgatório estava atrelado às mudanças na sociedade medieval, composta por uma estrutura social de duas classes opostas, nobres e camponeses, assim como o Inferno e o Paraíso, criando um lugar intermediário entre ambos, que viria a ser o Purgatório.⁵⁷

⁵⁵ *Visão de Tândalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 103 (Códice 244).

⁵⁶ LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial. Estampa, 1993, p.176.

⁵⁷ FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2001, p.193.

Em uma sociedade dualista com um Além dualista, dividido entre dois lugares, a concepção de um Purgatório como espaço intermediário para almas que não se encaixam na categoria de boas ou de más, evidencia uma reprodução das mudanças sociais do Medievo, com o surgimento de uma classe média.

Assim, durante a jornada do cavaleiro, podemos observar os pecadores categorizados e suas violações aos mandamentos da Igreja, nos lugares de punição:

Quadro 3: Os mandamentos da Igreja nos lugares de punição

Pecados	Mandamentos da Igreja
Ira	Não violentar ou assassinar um inocente.
Orgulho	Ser humilde.
Avareza	Doação aos pobres.
Preguiça	Práticas litúrgicas.
Luxúria	Ser casto.
Gula	Penitências e jejuns.
Inveja	Não proferir mentiras/blasfêmias.

As punições dividiam-se entre os pecados capitais cometidos pelas almas. Conforme o quadro 3, o primeiro castigo que Túndalo/Túngano experienciou foi a pena para os matadores, onde as almas dos que praticaram assassinato eram colocadas sobre carvões em brasa e espetados com objetos pontiagudos.

Seguindo o seguinte trecho: “E faziam sobre ella muytas almas mesquinhas que se **queymauan**. E feruian em ella como o azeite ferue na srtãae, e depois que ferniam. Deitauanse per ella a fundo [...] Respondeo o angeo e disse, tal **pena merecen os matadores** e os que comm qui consenten.”⁵⁸ (**grifos nossos**)

⁵⁸Visão de Túndalo (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 103 (Códice 244).

Na segunda coluna do quadro 2, temos a violação do mandamento da Igreja, que considerando o período em que a narrativa circulou, haviam muitos conflitos dentro da cristandade, em que regiões eram saqueadas e camponeses atacados como forma de prejudicar o adversário.⁵⁹

Era dever dos mais fortes do meio social protegerem os mais fracos, tal como o cavaleiro que deveria utilizar sua espada e atuar na proteção dos seus iguais, entretanto, havia a violência dos próprios senhores contra os camponeses e os servos, a fim de que houvesse a ordem, resultava no mau uso da força sobre seus subordinados.⁶⁰

Assim, a menção a uma punição para assassinos, seria um meio da Igreja condenar a violência dentro do Ocidente Medieval, algo que dividia os reinos cristãos que precisavam manter sua unidade.

Concomitante a isso, a Igreja também se empenhava para manter os cavaleiros na luta contra os muçumanos para que Jerusalém, a Terra Santa fosse conquistada pelos cristãos ou na expulsão definitiva dos muçumanos da Península Ibérica.

Como traz Jean Flori: “Revezando-se com os mosteiros da Ordem Cluniacense, o papado esforça-se para empenhar os cavaleiros no combate contra os muçulmanos, na Espanha (Reconquista) ou na Terra Santa (Cruzadas).”⁶¹

Apesar de ser culpado desse pecado, o cavaleiro ficou a salvo deste castigo. No entanto, as fontes não esclareceram o que ele fez, mas por ser um cavaleiro a violência não era algo fora da sua realidade.

A segunda pena não foi especificada nas fontes estudadas, mas nessa pena a alma era colocada no fogo e depois no rio gelado ou na neve, causando um grande sofrimento por causa das queimaduras em ambas as temperaturas:

E entõ disse. Ora andemos que longa car//reira avemos de andar. E ento forom per hũu môte / muy alto e de muy gram temor. E da hũa parte era / fedorêto. E da outra neve branca e muy gram qui / e muy gram fryo. E todo o monte de hũu cabo e do / outro era cheo de diaboos que qui prestes pera tomar / as almas e tiinhã forcas de ferro muy grandes co / que enpuxavã as almas. Equi com ellas no fogo. Er qui-nas do fogo e qui com ellas na neve. E, asy qui de pena ã pena.⁶²

⁵⁹ ZIERER, Adriana. Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal: uma outra viagem para a Idade Média. São Luís: Editora UEMA, 2013, p.73.

⁶⁰ VALDEÓN, Julio. **História de Espanha**. Lisboa: Edições 70, 2014, p.74.

⁶¹ FLORI, Jean. Cavalaria. loc.cit., p. 192.

⁶² *Visão de Tândalo*. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 40 (Códice 266).

Para Jacques Le Goff, as punições com o fogo e o gelo estavam presentes no Purgatório Medieval, evidenciando o aspecto intermediário do lugar, como um meio termo entre Inferno e Paraíso, com a alternância entre quente e frio, ardente e úmido, destes elementos:

A segunda característica é que o fogo purgatório medieval, mesmo se ocupou um lugar proeminente e, de alguma forma, exclusivo, quase sempre fez parte, no entanto, de um par: o fogo e a água. Nos textos medievais que se situam na pré-história da Idade Média este par aparece na maioria das vezes sob a forma da justaposição de um lugar ígneo e de um lugar úmido, de um lugar quente e de um lugar frio, de um elemento escaldante e de um elemento gelado. E a provação fundamental à qual são submetidos os mortos do purgatório não é a simples passagem pelo fogo, é a passagem alternativa pelo fogo e pela água [...]⁶³

Em seguida, se tem a terceira pena, que ocorria em um lago malcheiroso, em que as almas dos soberbos eram mergulhadas devido ao seu orgulho na vida terrena:

[...] do qual ryo **saya gram fumo e gram fedor**, e a alma ouvia grandes braados, e grandes gemidos [...] Dizeme senhor, como poderey eu passar per esta ponte tan estreyta que non caya a fundo. Respondeo o angeo [...] ca desta pena liure seras. [Perguntanto a alma para quem seria aquela pena] Respondeo o angeo e disse, este ualle tan fundo e tan escuro, **he morada dos soberuosos**.⁶⁴ (**grifos nossos**)

Esse vício se destacava entre os membros das classes dominantes, nobres e eclesiásticos, o orgulho se tornava um vício regular entre esses Medievos que experimentavam de suas altas posições e ansiavam por ter mais poder, negligenciando a humildade, e conseqüentemente a submissão a Deus.⁶⁵

Esse pecado proporcionava ao homem se sentir mais importante que os demais, por causa de seu status social ou de sua aparência, separando do essencial: uma vida sem pecados. Essa conduta era condenada pela Igreja devido a sua dissociação do estilo de vida cristão, seguindo o mandamento de humildade que a Igreja decretava para os fiéis. Desse modo, a punição que a alma sofreria não seria só um tormento físico, mas também degradante para uma alma orgulhosa ser mergulhada em um rio fétido.

Então, a alma sofreu algumas punições referentes aos seus pecados, pois, afinal de tudo o cavaleiro ainda era um pecador e praticou más ações durante sua vida, que precisavam ser revistas.

⁶³ LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial. Estampa, 1993, p.20.

⁶⁴ *Visão de Tündalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 105 (Códice 244).

⁶⁵ BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006, p.379.

A primeira pena pela qual a alma passou foi a dos avaros, na qual o castigado era devorado e atormentado por uma besta na companhia de demônios, que o torturavam também.

Conforme o seguinte trecho: “Delante de aquella boca estaban muy grandes compañías y diablos y atormentadores de las qui. Y cuando les habían dado muchos tormentos que no le podrían decir, las hacían entrar com el vientre de aquella bestia”.⁶⁶

Pelo que foi esclarecido nas fontes, Túndalo/Túngano não tinha o hábito de entregar esmolas para os pobres e guardava seus bens para si, reflexo de uma crítica a membros da nobreza que guardavam riquezas e não delegavam seus bens a Igreja no testamento.

Outro grupo, que podemos destacar nessa categoria de vício eram os burgueses, que com ascensão social, que eram as maiores representações desse vício, visto que acumulavam bens e realizavam empréstimos a juros.⁶⁷

Da mesma forma, na versão latina, o cavaleiro havia ido cobrar uma dívida, ato condenável pela Igreja, que desaprovava o empréstimo de dinheiro e doutrinava os homens acerca dos desapegos dos bens materiais, que deveriam ser doados aos pobres ou a Igreja, como o cavaleiro fez quando retornou para o seu corpo.

Conforme Bianca Messias, isso era uma prática entre os fiéis no leito de morte: “Os moribundos expressavam as suas últimas vontades através dos testamentos e nele entregavam os bens e terras para Deus que eram recebidos pela Igreja.”⁶⁸

A segunda punição sofrida por Túndalo/Túngano foi na ponte de espinhos dos ladrões, onde a alma castigada deveria atravessar a ponte portando o objeto que foi roubado no momento do pecado.

Então, o cavaleiro foi lembrado de seu pecado de ter roubado uma vaca de seu compadre. Ele iniciou sua travessia com o animal, contudo, a ponte era muito estreita e outra alma surgiu carregando um feixe de trigo, exibindo seu delito de ter roubado o feixe.

Sem espaço para as duas almas atravessarem, nenhuma das duas queriam ceder e acusavam-se mutuamente de seus delitos, comparando o que parecia ser o mais grave. Como podemos ver no trecho do códice 266:

E entom viro vsir outra alma pella ponte, e estava / chorando carregada de hũu feixe de trigo. e quando vyo / que avia de passar. preguntou ao angeo de quaes almas / he esta pena. e (o) angeo disse. Esta pena he daquelles que / furtã

⁶⁶ *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.5.

⁶⁷ CASAGRANDE; VECCHIO. Pecado. Op.cit., p. 392.

⁶⁸ MESSIAS, Bianca Trindade. **Memória, educação e salvação cristã na Visão de Túndalo (séculos XIV e XV)**. Dissertação de Mestrado em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2016, p. 82.

pouco ou muito. e agora convē-te que passes per / ella cõ hũa vaca que furtaste.⁶⁹

A situação da alma segurando um feixe de trigo pode estar relacionada com a fome, pois em certos períodos do contexto Medieval, haviam más colheitas, e conseqüentemente a fome. Assim, podemos trazer para o período de circulação dos códices, em que esse problemas afetavam a população ibérica, sobretudo, os mais pobres que poderiam recorrer a medidas extremas para se alimentar.

No caso de Túndalo/Túngano era inusitado um cavaleiro de linhagem nobre praticar o roubo de uma vaca, visto que, ele aparentava ter boas condições financeiras. Assim, poderia ser um ato de vício, na qual ele sentiu-se tentado a praticar essa transgressão.

Da mesma forma, o roubo estava relacionado com o pecado da preguiça, visto que seus praticantes seriam indivíduos preguiçosos e sem vontade de trabalhar, semelhante ao cavaleiro que achou mais vantajoso roubar uma vaca do que comprar uma e criá-la até que crescesse.

Para a Igreja a preguiça era condenável, sobretudo para uma sociedade de três ordens sociais estabelecidas, em que cada indivíduo possuía sua função, onde os nobres governavam, os clérigos oravam e os trabalhadores trabalhavam, assim, mantendo a estrutura social.⁷⁰

No terceiro castigo, ele foi colocado em um forno e torturado com ferramentas de tortura ao lado das almas de fornicadores e glutões, pessoas que mantinham o vício em bebidas e fornicação, assim como o cavaleiro, que gostava de usufruir dos prazeres terrenos.

Como foi relatado na fonte: “De manera que pensaba que no había com Dios, ni com cosa, salvo com el vicio que se daba. Y metido com el mundo, com los deleites y placeres de él, com las mujeres y buenos comeres, y no tenía cuidado de su alma, ni se membraba de ella, ni siquiese de morir.”⁷¹

Jeffrey Richards traz que Clemente de Alexandria havia relacionado o pecado original à descoberta do sexo entre Adão e Eva, de modo que, a prática do sexo em si já era um pecado, principalmente com os mandamentos cristãos de castidade, contrários a imoralidade sexual:

[...] a busca da perfeição espiritual, que é, por definição, não sexual e transcende a carne. É por isso que os ensinamentos cristãos exaltam o celibato e a virgindade como as mais elevadas formas de vida. [...] Cristo não havia dito nada sobre o Pecado Original, mas, no século II, Clemente de Alexandria vinculou-o diretamente à descoberta do sexo por Adão e Eva.⁷²

⁶⁹ *Visão de Túndalo*. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 41 (Códice 266).

⁷⁰ CASAGRANDE; VECCHIO. Pecado. Op.cit., p. 392.

⁷¹ *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.1.

⁷² RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio E Danação**: As minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1991, p.33.

O sexo era uma prática condenada pela Igreja, sendo um dos principais mandamentos da Igreja, a castidade, de modo que, durante as reformas, o celibato passou a ser obrigatório entre os clérigos.

Como forma de controlar essa prática pecaminosa, a Igreja sacramentou o casamento, em que era permitido realizar o ato para fins de procriação, sendo considerada fornicção se o sexo fosse motivado por desejo entre os cônjuges.

Ademais, podemos analisar o outro pecado dessa categoria: a gula. Esse vício se caracterizava pelo excesso na alimentação e na bebida, sendo mais comum a bebida, pois a embriaguez era associada à luxúria e a prática de outros atos pecaminosos, como a ociosidade, em que o indivíduo poderia se deixar levar pelo vício e ignorar suas obrigações na ordem social:

A gula, na visão do tratadista, é um pecado muito perigoso, pois os excessos de comida e bebida podem afastar o fiel dos jejuns de penitência ou daqueles reservados aos dias santos, além de levar a outros pecados, como a luxúria, a soberba e a acídia. Já a acídia é um pecado que traz o desânimo e leva ao abandono dos ofícios religiosos, abandono do trabalho e abandono de sua vida e do próximo.⁷³

Além disso, as festividades em determinadas épocas do calendário litúrgico demandavam dietas de alguns tipos de alimentos ou a realização de jejuns, necessários para as penitências, que levariam ao perdão dos pecados. E para um homem que não conseguia controlar sua gula, feria esses princípios cristãos.

De acordo com Massimo Montanari: “Enfim, não se deve esquecer as componentes simbólicas e ideológicas da alimentação: a comunhão, a frequência dos jejuns, a condenação da gula, da indigestão e da embriaguez [...]”⁷⁴

A quarta punição consistia na alma sendo devorada por uma besta, dentro da besta, essa alma concebia e dava a luz a monstros, que mordiam todo o seu corpo, causando grande sofrimento, por trata-se de um pecado grave.

Na versão latina, a motivação para a alma do cavaleiro cumprir esta pena como o vício anterior, era a depravação sexual, contudo, alguma das almas atormentadas com ele são eclesiásticos, que como podemos lembrar eram obrigados a seguir o celibato.

⁷³ LOPES, Bárbara Macagnan. A confissão e os pecados capitais no Portugal do fim do século XV ao início do XVI. **Revista Historiador** Especial Número 01. Julho de 2010, p.129. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>.

⁷⁴ MONTANARI, Massimo. Alimentação. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 39.

Nas versões ibéricas, o vício praticado era a soberba, manifestado em Túndalo/Túngano pelo seu orgulho vão de possuir um título de cavaleiro, de sua origem social e de suas posses. Desse mal também poderiam sofrer os eclesiásticos, que desfrutavam de boas posições na sociedade Medieval e que corriam o risco de serem penalizado, como foi descrito na versão castelhana:

Estas penas **merecieron aquellos que debían ser mejores que los otros** causo de ello y no lo son, **porque tienen las lenguas** com el **maldecir sufren los muesos de las serpientes que ves, esto mismo** acontece a **los clérigos y doctores** de la santa madre iglesia y de todos los otros prelados que gravemente pasasen y sufriesen esta pena.⁷⁵ (**grifos nossos**)

Ter esse tipo de conduta era condenado pela Igreja, mas possuía um peso maior para os clérigos, que deveriam seguir o exemplo de Cristo e serem humildes, agindo como seus representantes na terra.⁷⁶

Outra situação apresentada nessa punição, era o pecado da língua, associado a inveja, localizado na última linha do quadro 3. O mau uso da língua que recebeu sua atenção por tratase de uma sociedade que em sua maioria utilizava a oralidade, de forma que, o uso inadequado estava atrelado a várias condutas pecaminosas, como a mentira, blasfêmia, e a linguagem obscena:

Além disso, a atenção dada à palavra e a consciência dos perigos que ela provoca levam diretamente à construção, ao longo do século XIII, de um novo pecado, que termina por se instalar ao lado dos vícios capitais tradicionais: o pecado da língua, que compreende todos os erros que cometemos falando, da à mentira, da adulação à linguagem obscena, da maledicência à injúria.⁷⁷

A má conduta desses eclesiásticos poderia estar relacionada a mentira ou falsidade. Na situação de Túndalo/Túngano seria a cobiça pelos bens dos outros, a enganação ou a linguagem obscena, que estava ligada a imoralidade sexual, devido a relação entre menção e o ato em si.

A quinta e última pena que ele sofreu, não foi especificada nas fontes, mas era considerado um pecado grave, pois ficava por último entre as punições:

Entó / a alma começou de chorar. E logo chegaro os dyaboos / e no disserom nada. E tomarõ-na cõ tenazes de ferro acesas // e derom com ella no fogo. Hu jaziam outras **muitas al/mas que se derretiam como chumbo**. E des que erã **derry/tidas quicisse como dantes eram, e filhavõ-nas, os diabóos com**

⁷⁵ *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.7.

⁷⁶ SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e Leigos. op.cit., p. 238.

⁷⁷ CASAGRANDE; VECCHIO. Pecado. Op.cit., p. 392.

garfos de ferro e co tenazes e qui/-nas sobre a forja. E qui em ellas co maços de ferro / de guisa que de muitas alias qui hũa massa.⁷⁸ (**grifos nossos**)

Contudo, os relatos narram o castigo sendo realizado numa casa de tortura com os demônios, onde as almas eram fervidas e algumas eram derretidas, se tornando uma massa corporal e retornando ao seu estado original, enquanto eram mexidas com garfos de ferro pelos demônios.

De acordo com o anjo, aquelas almas sofrem suas penas, a fim de serem purificadas e irem para o Paraíso, enquanto outras permanecem no Inferno, sendo castigadas por toda a eternidade, como no seguinte trecho da versão castelhana:

entonces el ángel la confortó, y le dijo: “Mayores penas verás de las que has visto, de las cuales serás librada por la gracia y misericordia de Dios, que todas **las almas que has visto esperan salvación**, y las otras que están en los lugares que verás que son juzgadas nunca serán libradas ni saldrán jamás de allí”. Ca así lo dice la escritura: “**quien en los infiernos es nunca tendrá redención ni salvación**”.⁷⁹ (**grifos nossos**)

As almas que ainda esperavam salvação estavam numa espécie de Purgatório sofrendo expiação de seus pecados, mas sem estarem condenados à eternidade de sofrimento como as almas no Inferno.

2.1.2 O DESTINO ETERNO DOS PECADORES NO INFERNO

A alma do cavaleiro foi conduzida para um lugar com ambientação mais incomoda do que havia sido até aquele momento. Nesse ambiente as almas daqueles que cometeram os vícios e não se arrependeram eram atormentadas.

Túndalo/Túngano tem uma visão dos demônios e de Lúcifer. Os demônios, seres caracterizados como figuras tão escuras, que sua cor se assemelhava ao carvão, com dentes que destacavam em branco e possuíam chifres e uma cauda parecida com a de um escorpião:

Y aquellos quicó eran **negros y manchados** y los ojos semejaban hachas encendidas, y los **dientes tenían blancos** como la nieve, y **tenían colas como escorpiones**, y alas como buitres, y las uñas agudas como de qui, y la estaban amenazando mostrando los apare-jamientos contra ella que tenían com que atormentaban las otras áni-mas que iban al infierno.⁸⁰ (**grifos nossos**)

⁷⁸ Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 44 (Códice 266).

⁷⁹ *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.9.

⁸⁰ *Ibid.*, p.9.

Essas criaturas eram responsáveis pelas punições infligidas as almas dos maus no Além-Túmulo, as vezes espreitando no leito de morte e se apossando de suas almas após a morte.

O Diabo que também era responsável pela aplicação dos castigos era uma figura mais horrenda ainda, tanto que o cavaleiro mal conseguia observá-lo. Lúcifer era uma figura humanoide com a pele escura, patas e cauda cheia de agulhas, de acordo com a descrição do códice 244:

El era **negro assi como caruon**, e auia **figura dhomem des os pees ataa cabeça**, e auia boca com que auia muitos males, e tynha huun rabo assy grande, que era cousa muito spantauil. No rabo auia mil maaons, e com cada maaon auia com ancho cem palmos e as suas maaons, e as hunhas delas e as hunhas dos pees eram tan anchas como lanças, e todo **aquel rabo era cheo de agulhas** muy agudas, pera atormentar as almas.⁸¹ (**grifos nossos**)

As descrições da imagem de Lúcifer ser uma criatura escura, peluda, com chifres, calda e patas, se assemelhavam as descrições de um sátiro, mais especificamente de Pã, o deus dos bosques na mitologia grega, trazendo essas referências sobre a figura do Diabo do cristianismo.

De acordo com Solange Oliveira: “Da mitologia grega, principalmente, alguns estudiosos afirmam que o Diabo é associado à figura de Pã que tem as características de um bode, com chifres e patas.”⁸²

Lúcifer era considerado, às vezes, na representação Medieval, uma espécie de vassalo de Deus, que se recusou a continuar servindo ao seu senhor, não se tornando igual ao Criador, mas um servo mau que ainda dependia das ordens do seu antigo senhor. No entanto, a figura de Lúcifer era utilizada pela Igreja como a oposição de tudo que levaria a Deus, representando o pecado, os vícios e os males do homem, que poderiam condená-lo ao Inferno.

Da mesma forma que o Diabo punia os danados no Inferno, ele também era castigado pelo seu pecado de querer ser igual a Deus, sua soberba o fez cair dos céus e se tornar o príncipe do Inferno, sendo punido eternamente pelos seus atos.⁸³

Sendo assim, tanto as ações dos pecadores quanto de Lúcifer exemplificam os mandamentos da Igreja e a necessidade de o indivíduo seguir essas condutas, evitando o Inferno.

⁸¹ *Visão de Túndalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 111 (Códice 244).

⁸² OLIVEIRA, Solange Pereira. **A salvação como um itinerário no Além Medieval**: a viagem imaginária da Visão de Túndalo (Séculos XIV-XV). Tese de Doutorado em História. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2019, p. 150.

⁸³ BASCHET, Jérôme. Diabo. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 321.

2.2. O LUGAR DE ESPERA

Ao final da passagem de Túndalo/Túngano pelos espaços de punição, ele foi guiado para o Paraíso, mas no caminho para o último espaço, ele observou o Limbo. Descrito como nebuloso, era um lugar de espera para entrar no Paraíso, das almas que não pecaram, mas também não cumpriram um dos mandamentos da Igreja, conforme foi mencionado no seguinte trecho:

Y el alma preguntó al ángel y dijo: Señor te ruego que me digas ¿quién son estos que están qui que moran com esta holgura a respeto de los que antes habíamos visto?, y el Ángel le respondió y dijo: **“Estos son los que no fueron mucho malos y guardaron la ley. Mas porque no cumplieron las cosas y obras que tenían com los pobres sufrirán algún qui pena, y después irán a la gloria”**.⁸⁴ (grifos nossos)

Assim, essas almas deveriam passar um período de espera por orações ou intercessões de seus parentes para sua alma ter descanso no Paraíso, o que contribuiu para o surgimento do Purgatório no discurso cristão. Com a concepção de que os vivos ainda poderiam intervir no destino dos mortos, seja pela venda de Indulgências introduzida pela Igreja, ou pela realização de cerimônias e orações pelos seus entes falecidos, a fim de que consigam alcançar o paraíso.

Essas almas não cumpriam penas, mas permaneciam desprovidas da visão do Paraíso, sendo um sofrimento apenas continuar no mesmo lugar em meio a neblina.⁸⁵

Arelado às mudanças sociais com uma terceira classe e a ascensão social dos burgueses, se pensava no não cumprimento do mandamento de entregar esmolas, como uma circunstância que poderia ser facilmente resolvida com a ação dos parentes do falecido.

Como Jacques Le Goff aborda sobre a situação de Santo Agostinho que ora para que Deus tenha misericórdia de sua mãe e a receba no Paraíso, sendo um exemplo da intercessão dos vivos em prol dos mortos.⁸⁶

Desta forma, seria possível que pessoas que não praticaram os vícios, mas que também não seguiram as virtudes cristãs, possuíssem chances de ir para o Paraíso, caso seus parentes realizassem preces e missas pela sua alma.

⁸⁴ *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.11.

⁸⁵ LE GOFF, Jacques. Além. **Op. Cit.**, p. 32.

⁸⁶ LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial. Estampa, 1993, p.15.

CAPÍTULO 3: A ETERNA MORADA DOS ELEITOS NO PARAÍSO

Como outras religiões antigas, o Paraíso Medieval existia dualmente com os lugares de punições do Inferno. Sendo assim, esse espaço herdou alguns elementos de outros lugares bons de outras crenças.

Esse espaço se assemelhava ao Jardim do Éden, descrito no Livro de Gênesis (1-2), sendo um lugar paradisíaco de habitação da humanidade, que foi criada à imagem e semelhança de Deus, mas que caiu devido ao pecado, tornando-se corrompida.

Desta forma, um Paraíso destinado aos justos seria uma esperança de uma purificação e uma nova oportunidade de que a humanidade possa viver ao lado de Deus, sem sua natureza corrompida herdada pelo primeiro homem:

Nos primeiros séculos da era cristã, a evocação da felicidade em uma natureza abençoada remetia no mais das vezes ao paraíso perdido por Adão e Eva ou a um novo jardim do Éden habitado pelos justos à espera da ressurreição. Segundo a concepção do paraíso então mais desenvolvida, este “designa o lugar onde as almas dos justos esperam a ressurreição escatológica”.⁸⁷

Para os hebreus, os justos viveriam ao lado de Deus, em sua morada nos céus, como ocorreu com os grandes profetas hebreus do Antigo Testamento. No entanto, não havia uma preocupação com o destino após a morte, mas em levar uma vida com boa conduta de acordo com os moldes do criador:

Gostaria de ressaltar que a preocupação com a vida após a morte não é forte no Antigo Testamento; temos ali mais uma preocupação com a vida e sua condução, ou seja, com a imanência e seus condicionamentos de tempo e de espaço, do que com uma dimensão metafísica, ou mesmo meta histórica, de uma expressão do ser para além da vida.⁸⁸

⁸⁷ DELUMEAU, Jean. **O que Sobrou do Paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.122.

⁸⁸ SOUSA, Ágabo Borges de. Além-mundo no Antigo Israel e nas religiões do Oriente Próximo. NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015, p.31.

O cristianismo nasceu da chance de redenção da humanidade corrompida pelo pecado se purificar por meio do sacrifício de Jesus Cristo, o Filho de Deus. O destino dos seres humanos não decorria de seu nascimento em pecado, mas na forma como se comportaria durante a vida terrena, seguindo ou não seguindo os mandamentos da Igreja.

Foi nos primeiros anos do cristianismo, que o receio com um lugar ruim após a morte se tornou recorrente, sobretudo, com a descrição do fim dos tempos no *Apocalipse de S. João*, nas construções de ouro e pedras preciosas da Nova Jerusalém, inspiravam os cristãos a desejarem uma nova terra de delícias, enquanto a condenação ao fogo eterno para os pecadores e para o Diabo, os deixava temerosos.

Igualmente, tem-se os Campos Elísios dos gregos, um lugar de paz e tranquilidade para boas pessoas, sobretudo, os heróis gregos que após praticarem bons atos de sacrifício mereciam uma recompensa pelas suas ações.

Assim, o Paraíso Medieval apresentou estas mesmas características de destino para almas que não apenas evitaram os vícios como praticaram as boas virtudes, sendo descrito como um ambiente harmônico, conforme traz Jacques Le Goff: “O paraíso é destacado como um lugar de paz e alegria, com belas músicas, odores suaves e comidas deliciosas...”⁸⁹

Os merecedores do Paraíso seriam, então, aqueles que abdicaram dos vícios e praticaram as virtudes, descrita na obra *Psychomachia* do poeta Prudêncio (século V), na qual ele descreveu as virtudes como categorizadas em sete, as virtudes cardeais: prudência, justiça, temperança e força, e as três virtudes teológicas: caridade, fé e esperança.

Como Jérôme Baschet ressaltou: “A *Psychomachia* do poeta Prudêncio (século V), obra destinada a amplo sucesso, descreve os combates épicos a que se lançam as personificações armadas dos vícios e das virtudes (por exemplo, Fé contra Idolatria, Paciência contra Cólera, Humildade contra Soberba).”⁹⁰

Nas fontes, o último lugar que a alma do cavaleiro visitou no Além-Túmulo foi o Paraíso, descrito como um belo lugar de felicidade eterna, destinado para as almas daqueles que

⁸⁹ LE GOFF, Jacques. Além. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 28.

⁹⁰ BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006, p.376.

praticaram os mandamentos da Igreja, de modo que, podemos perceber as virtudes nas almas deste espaço do Além.

Acompanhado do anjo, o cavaleiro presenciou os belos jardins, com plantas lindas e frutas apetitosas, como também os campos floridos, da qual fluía um delicioso aroma no ar, de acordo com o seguinte trecho da fonte castelhana:

...y vieron una puerta que se les abrió luego, por la cual así como entraron vieron un **campo muy hermoso y muy florido de muy buen olor**, y de **muy gran claridad**, en el cual había gran muchedumbre de almas, las cuales todas se alegraban con ella, y allí era una fuente de agua muy dulce.⁹¹ (**grifos nossos**)

As almas se encontravam em êxtase, com roupas brilhantes, macias e usando coroas de ouro. Elas estavam cantando belas melodias ao som de instrumentos musicais, que preenchiam todo o ambiente, fazendo com que Túndalo/Túngano desejasse permanecer naquele lugar para sempre.

No entanto, ele precisava retornar para seu corpo, abandonar os seus vícios e praticar os mandamentos da Igreja, a fim de merecer o Paraíso.

3.1. AS ALMAS VIRTUOSAS

Ao contrário das almas condenadas ao Inferno e as almas que estavam expurgando seus pecados no Purgatório, os bem aventurados do Paraíso haviam sido pessoas que evitaram os vícios e seguiram os mandamentos cristãos, sendo agraciadas com o melhor espaço do Além-Túmulo, onde seriam felizes por toda a eternidade.

No códice 244, o cavaleiro reconheceu duas figuras entre as almas na morada celeste: o Rei Cantubrio e o Rei Donato, dois homens que foram inimigos no mundo dos vivos, de forma que, Túndalo questionou o motivo de eles estarem no Paraíso, pois eram pecadores.

⁹¹ *História del Virtuoso Cavaleiro Dō Túngano*. Toledo, 1526, p.11.

Contudo, o anjo explicou que Cantubrio esteve doente e fez um voto de se tornar um monge caso fosse curado, o que se concretizou na restauração da sua saúde, enquanto que Donato passou um tempo em cativo e doou seus bens aos pobres:

Enton lhe disse o angeo [...] que ante da sua morte se reprenderon, e fizeram penitencia [...]. Cantubrio fou gran **Cantubrio foy gran tenpo enfermo, e fez penitencia**, e uoto que **se guarecesse daquela doença que tomaria a orden, e se faria monge**. E o outro iouve per espaço **de annos preso en grandes prisooens e deu quanto auia a pobres.**⁹² (grifos nossos)

Outro rei presente nesse espaço do Além-Túmulo, foi o rei Cormaço, que de acordo com o anjo estava no Paraíso por ter doado alimentos para os pobres, entretanto, também era punido por não ter sido honroso no seu casamento, em que cometeu adultério, sendo condenado a passar três horas do dia com fogo até seu umbigo.

Conforme o seguinte trecho: “E uio o Rey star metudo em huun fogo ataa o embygo, e des o embygo pera cima, vestido dhuun cilicio muy aspero [...] quanto he per espaço de tres horas do dia...”⁹³

Apesar de todas as almas serem merecedoras do Paraíso, existia uma divisão do Paraíso em três lugares de acordo com as virtudes das almas, sendo o Muro de Prata, o Muro de Ouro e o Muro de Pedras Preciosas, com essa última sendo destinada as almas mais virtuosas.

⁹² *Visão de Tândalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 112 (Códice 244).

⁹³ *Ibid.*, p.114.

Quadro 4: Divisão dos Muros no Paraíso

Lugar	Eleitos	Virtudes
Muro de Prata⁹⁴	Os castos no casamento	Honraram o sacramento do casamento.
	Misericordiosos	Repartiram os seus bens com os pobres.
Muro de Ouro⁹⁵	Os monges e monjas	Sofreram martírios por amor a Deus.
Muro de Pedras Preciosas⁹⁶	As nove Ordens de Anjos	Serviram a Deus.
	Os apóstolos de Cristo Patriarcas e Profetas	Serviram a Deus.
	Os virgens e as virgens	Permaneceram castos.

No quadro 4, temos o primeiro muro, o Muro de Prata, caracterizado como um muro muito alto, brilhante e coberto de prata. Dentro do espaço havia muita claridade e alegria das almas, que emanavam saúde e vigor.

Essa parte do Paraíso era destinada as almas dos que foram castos no casamento, ou seja, quem honrou o sacramento do casamento e que não cometeu adultério. Sendo assim, o sexo era condenado pela Igreja e permitido somente com o sacramento do casamento, que mesmo no casamento seria apenas para fins de procriação.

⁹⁴*História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.12.

⁹⁵ *Ibid*, p.14.

⁹⁶ *Ibid*, p.16.

Assim, o casamento também se tornou uma forma da Igreja ter controle sobre essa prática por meio do casamento, e para evitar a prática desse vício, os fiéis eram alertados acerca das punições no Inferno e as maravilhas do Paraíso para quem era casto no casamento.

Como atestou Jeffrey Richards: “O casamento tornou-se assim o meio cristão básico de regulamentar o desejo sexual, combatendo a fornicação e perpetuando a espécie. [...] Os teólogos medievais enfatizaram que era um pecado mortal fazer amor com a esposa unicamente por prazer.”⁹⁷

Como foi descrito neste trecho: “Esta gloria es de **aqueellos que son buenos casados**. Y vivieron lealmente **cumpliendo siempre las obras de misericordia, y trabajando en servir a Dios y dando de sus bienes por Dios limosnas a los pobres** por su amor, y por eso son en esta gloria tan grande”.⁹⁸ (**grifos nossos**)

A outra categoria de almas destinadas ao Muro de Prata eram as almas daqueles que foram misericordiosos com os outros e doaram seus bens aos pobres, visto que, o acúmulo de bens era condenado pela Igreja, sobretudo com a nova classe social de burgueses. Desta forma, a prática da doação de bens era incentivada pela Igreja como uma forma de demonstrar desapego aos bens materiais e evitar o pecado da avareza.

Somado a isto, havia as obras e os trabalhos de misericórdia, que Túndalo poderia exercer sendo um cavaleiro, ajudando aos mais fracos, como Bianca Messias colocou no trecho a seguir: “A explicação do texto bíblico é um alerta para a alma de Túndalo, proveniente da Ordem de Cavalaria, além de exercer o ofício de guerrear, deveria proteger os indefesos, ajudar o próximo, orar e jejuar como determina a Igreja para que seja digno de pertencer ao Paraíso.”⁹⁹

Na segunda linha temos o espaço seguinte, o Muro de Ouro, uma construção de ouro puro e ainda mais brilhante que o primeiro muro. Esse lugar era destinado às almas de monges e monjas, considerados mártires de Deus, que trabalharam e doaram suas vidas a Deus:

Estes **son os mártires de deus** que [...] **traballaron e affanaron** os seus corpos, e lauaron as suas uestiduras no sangue do cordeyro. [...] os que se **sofreron e se absteueron, e guardaron dos sabores e plazer**es do mundo

⁹⁷ RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, Desvio E Danação**: As minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1991. p.34.

⁹⁸ *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.13.

⁹⁹ MESSIAS, Bianca Trindade. **Memória, educação e salvação cristã na Visão de Túndalo (séculos XIV e XV)**. Dissertação de Mestrado em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2016, p.154.

[...] fezeron toda sua uida muy saneta, e muy limpa, e muy honesta, uiuendo e perseuerando em seruiço de deus [...] ¹⁰⁰ (**grifos nossos**)

As almas possuíam roupas e cabelos brilhantes, com coroas de pedras preciosas. Elas se encontravam louvando a Deus em êxtase com um brilho em seus rostos, ao som de instrumentos musicais.

Essas almas recebiam tamanha honra devido ao papel que um monge ou uma monja desempenhava na sociedade medieval. Esses religiosos considerados os mais puros entre os homens, renunciavam a sua própria vida em prol de servir a Deus, como guardar os mandamentos da Igreja, não constituir família ou ter bens pessoais, se manter longe de qualquer vício, entre outros:

O monge ou a monja não podia possuir bens pessoais, mas a comunidade ou o mosteiro tinham riquezas. A comunidade era uma coletividade privada e independente, possuindo suas próprias dotações, constituídas, em geral, de terras. O essencial da atividade monástica situava-se longe de qualquer compromisso com assuntos profanos, inclusive tarefas pastorais. O ponto forte da espiritualidade monástica era a liturgia.¹⁰¹

Na última linha do quadro 4, percebemos que o último espaço do Paraíso foi o Muro de Pedras Preciosas, o lugar mais elevado da hierarquia celeste. Esse muro era muito claro e cheio de pedras preciosas, com presença de muitas cores diferentes no que parece se tratar de diversos tipos de pedras preciosas, como diamante, rubi, jaspe, safira, esmeralda, entre outros.

Como foi citado no Códice 244: “uiron huun muro muy alto, que de fermosura e de claridade uencia e passaua per todos os outors [...] fecto todo de pedras preciosas, e de metaes mesturados de colores de muitas guisas...”¹⁰²

Nesse espaço se encontravam as nove Ordens de anjos, que serviam diretamente a Deus, atuando como seus mensageiros e guardiões dos céus, portanto, possuíam um alto posto no Reino dos Céus.

¹⁰⁰ *Visão de Tündalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 116 (Códice 244).

¹⁰¹ LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário analítico do Ocidente medieval**: volume 2. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p.270.

¹⁰² (VT, 1895). p. 118 (Códice 244).

De acordo com o seguinte trecho: “E depois que sobiron em cima ao muro, uiron [...] noue ordeens de angeos, os quaaes son. s. **Angeos, Archangeos, Virtudes, Principados, Potestades, Dominaçõnes, Thronos, Cherubin, E seraphin.**”¹⁰³ (grifos nossos)

Outra categoria eram os Apóstolos de Cristo que estiveram como Jesus e por Ele sofreram martírios, relatado no Novo Testamento. Os Patriarcas, que deram origem aos hebreus e os lideraram sobre ordens de Deus, retratado no livro de Gênesis. Os Profetas, que serviram a Deus e orientaram o povo acerca das vontades divinas.

Por fim, os virgens e as virgens, que possuíam um status elevado, pois praticaram o celibato, se mantendo puros, visto que, a fornicção era um dos vícios mais preocupantes para a Igreja e muito repreendido pela classe dos *oratores*:

Y bien podemos decir de aquellas bien manifiestas cosas y de gran dignidad que ella viese la compañía de los ángeles y de los patriarcas y profetas y ver la compañía de los apóstoles tan honrada y la compañía de los mártires tan hermosa, y ver la hueste de las vírgenes tan amorosa y oírle sus cantares tan sabrosos.¹⁰⁴

Os elementos presentes no Paraíso exprimem felicidade e deleite, como o destino das almas que praticaram os mandamentos cristãos esse espaço deveria conter tudo de bom, conforme Jean Delumeau¹⁰⁵: “O Paraíso é luz, cores e perfumes.”

¹⁰³ *Ibid*, p.118.

¹⁰⁴ *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*. Toledo, 1526, p.16.

¹⁰⁵ DELUMEAU, Jean. *O que Sobrou do Paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.165.

Quadro 5: Elementos dos muros do Paraíso¹⁰⁶

Muros	Elementos
Muro de Prata	Prata Claridade
Muro de Ouro	Ouro Brilho Instrumentos musicais Melodias Coroas de pedras preciosas
Muro de Pedras Preciosas	Pedras preciosas Claridade Diversas Cores

Na tabela 7, podemos notar a pureza e a muita claridade em todos os espaços do Paraíso, os aromas e os belos jardins do Muro de Prata, a melodia e os objetos brilhantes no Muro de Ouro, as joias e tecidos coloridos no Muro de Pedras preciosas.

Conforme a categoria de almas subia, melhor os elementos, funcionando como recompensa para as boas almas, como destacou Solange Oliveira: “Pois cada um desses elementos que foi visto pelo viajante participa da bem-aventurança das categorias de almas que, hierarquicamente, recebem esses elementos como recompensa divina.”¹⁰⁷

¹⁰⁶ OLIVEIRA, Solange Pereira. **A salvação como um itinerário no Além Medieval:** a viagem imaginária da Visão de Tândalo (Séculos XIV-XV). Tese de Doutorado em História. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2019, p.201.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p.255.

Essas características traziam paz para a alma de Túndalo/Túngano, em detrimento do Inferno que sufocava os danados e o deixava desconfortável, sobretudo com as punições as quais foi submetido. Desta forma, ele desejou ficar no Paraíso, mas o anjo esclareceu que ele deveria voltar para o seu corpo e testemunhar o que ele vivenciou no Além-Túmulo, para que os homens pudessem ser salvos por meio do seu relato.

No trecho seguinte: “E o anjo lhe disse, a teu corpo te has de tornar, e todas as cousas que uiste, demostralas as, e contarlas as a todos os homeens a que o demostrar, e contar poderes, por que façan prol de suas almas”.¹⁰⁸

Da mesma forma, o cavaleiro deveria viver de acordo com os mandamentos da Igreja e evitar suas práticas pecaminosas, seguindo os exemplos que ele presenciou em sua jornada nas condutas das almas que estavam no Paraíso, que praticaram alguns mandamentos, como castidade testemunho, e doação, evitando os vícios da luxúria, do orgulho e da avareza.¹⁰⁹

Quadro 6: Os mandamentos da Igreja nas almas bem aventuradas

Almas	Mandamentos da Igreja
Honrosos ao casamento Virgens	Castidade
Rei Donato Rei Cormaço Misericordiosos	Doação para os pobres
Rei Cantubrio Monges e monjas Apóstolos de Cristo	Testemunho da palavra

¹⁰⁸ *Visão de Túndalo* (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 119 (Códice 244).

¹⁰⁹ *Ibid.*, p.120.

No quadro 6, temos alguns dos mandamentos da Igreja que foram seguidos pelos eleitos, como a castidade, muito incentivado pela Igreja para que seus fiéis se guardassem do desejo carnal e seguissem a virtude da temperança, possuindo domínio sobre as vontades terrenas. Essa virtude se apresentou nos honrosos ao casamento e virgens, que permanecerem moderados ou puros. No entanto, se tem o rei Cormaço, um caso excepcional, que quebrou esse mandamento e era punido durante cerca de três horas por dia com fogo até seu umbigo, fazendo uma alusão ao seu crime de infidelidade durante o seu casamento ao ser castigado na região dos seus órgãos sexuais.

O próximo mandamentos era a doação aos pobres, incentivado pela Igreja ao lado do desapego aos bens e o não acumulo de riquezas. As almas que obedeceram a este mandamento, o rei Donato, o rei Cormaço e os misericordiosos, tinham a virtude da caridade, manifestando-a na doação aos pobres.

O seguinte mandamento era o testemunho da palavra, esse mandamento se centralizou no Rei Cantubrio, nos monges e nas monjas, e nos Apóstolos de Cristo, que deixaram suas vidas de lado para servir a Deus e espalhar sua palavra, expressando a virtude da fé em seus atos em prol da mensagem de salvação.

Por meio desses exemplos de conduta cristã e virtudes, se poderia aprender sobre o comportamento cristão, como Túndalo/Túngano estava fazendo, na sua passagem pelas punições, cumprimentos de algumas penas e nas orientações dos anjos.

Então, o cavaleiro despertou em seu corpo com uma nova conduta. Na Vision de Don Túngano, o cavaleiro estava cercado por clérigos e leigos em torno do seu leito, enquanto que na Visão de Túndalo não foi esclarecido quem estava acompanhando seu estado.

Porém, assim que o homem acordou, primeiramente, deu graças a Deus pela sua jornada e pediu para se confessar para um padre, já que o cavaleiro não ia para a Igreja e pouco se importava com a salvação de sua alma.

No trecho da versão castelhana: “Y demandó, y recibió el cuerpo de Dios. Y de allí adelante comenzó a predicar las palabras de nuestro señor Jesucristo con muy gran sabor y alegría, maguer que ante de entonces no sabía las Escrituras.”¹¹⁰

¹¹⁰ *História del Virtuoso Cavaleiro Dō Túngano*. Toledo, 1526, p.17.

Além disso, ele deixou de acumular bens e os repartiu com os pobres, seguindo os exemplos das almas que avistou no Paraíso, que praticaram os mandamentos da Igreja de não ter apego aos bens materiais.

Na versão portuguesa, Túndalo mandou que o símbolo da cruz fosse costurado em suas roupas, expressando sua fé, como no seguinte trecho: “E mandou poer o signal da cruz nos vestidos com que se vestio, e desi começou de noos contar quanto uira”¹¹¹

Essa atitude evidencia que o cavaleiro possa ter partido em uma das expedições das cruzadas, pois a cruz bordada na roupa era o símbolo dos cavaleiros que partiam nessas jornadas com o objetivo de reconquistar Jerusalém, a Terra Santa, e levar a fé cristã para os infiéis. Assim, Túndalo poderia ajudar a expandir o cristianismo através das cruzadas.

Para Hilário Franco Junior, entre as principais motivações para as cruzadas estavam as econômicas de conquistar as terras da região oriental, mas também as motivações religiosas de estabelecer uma união da Cristandade entre Constantinopla, a capital do Império Bizantino, e Roma.¹¹²

A partir daquele momento, o cavaleiro passou a ter grande conhecimento dos ensinamentos da Igreja, a fim de pregar o evangelho para outras pessoas, de forma que, ele teria procurado um monge para quem relatou toda sua jornada. Esse monge, então teria produzido o relato para ser transmitido oralmente para a população leiga.

Sendo assim, a divulgação de forma oral da narrativa elevava a sua credibilidade como um ocorrido verídico, servindo como um meio dos fiéis aprenderem sobre o Além-Túmulo, as consequências da prática dos vícios e a como se salvarem da punição, praticando as virtudes.

¹¹¹ *Ibid.*

¹¹² FRANCO JUNIOR, Hilário. **As cruzadas**. Brasiliense, São Paulo: Brasiliense, 1999, p.25.

CONCLUSÃO

Na sociedade da Cristandade medieval, a religião estava envolvida em todos os aspectos da vida social, política e cultural, seja na legitimação de um monarca como autoridade de Deus na terra ou nos comportamentos, hábitos e relações sociais, os elementos cristãos estavam presentes.

Tal fato intensificou com a ascensão da Igreja Católica como uma instituição com suas regras e estatutos próprios, com sua liderança centralizada. Ademais, esse setor se responsabilizava pelo ensino da doutrina cristã, que concebia um espaço de punição para os indivíduos que levavam uma vida de pecado e um espaço de felicidade para quem se guardasse dos prazeres terrenos, seguindo uma boa conduta cristã.

Em meio à alta taxa de mortalidade, devido às más colheitas e a fome, que eram intensificados pelos conflitos com violência nos campos de batalha e nos vilarejos, bem como as epidemias de peste bubônica e outras enfermidades, os Medievos se sentiam próximos da morte, aumentando a preocupação com o viria após a morte.

Na narrativa visionária *Visão de Túndalo*, que estudamos nesse trabalho, acompanhamos a jornada de um homem pecador que se arrependeu de suas condutas pecaminosas, após a sua alma passar por uma viagem em que experienciou coisas extraordinárias para um homem comum.

Sendo assim, por meio da análise comparativa das fontes portuguesas, o códice 244 e o códice 266, bem como a *História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano*, destacando os espaços do Além-Túmulo, percebemos a presença dos vícios do corpo dentro das ações das almas castigadas e nas próprias condutas de Túndalo/Túndalo antes de sua jornada, bem como as virtudes dos eleitos e a nova conduta do cavaleiro, após voltar para o seu corpo.

O homem como parte de uma natureza decaída e com grandes tendências aos vícios, que permeava todas relações sociais, sejam na vida conjugal, no comércio e na política, era necessário se preocupar com a salvação de sua alma. Com isso, o ensino acerca dos vícios e das consequentes danações da alma, eram um meio da Igreja alertar os fiéis sobre o pecado e os conduzir para o cumprimento dos seus mandamentos.

Como uma narrativa voltada, sobretudo, para uma sociedade majoritariamente leiga, as descrições dos espaços do Além-Túmulo eram relevantes para o entendimento desse público visado, na qual eram relatadas oralmente, entendendo-se como acontecimentos verídicos.

O Inferno visivelmente negativo com características incômodas e agoniantes, almas sendo castigadas, objetos de tortura, escuridão e mau odor, em comparação ao Paraíso, um espaço positivo com belezas e riquezas, almas alegres, bons odores, tecidos e joias. Assim, os homens poderiam entender qual era o melhor lugar para ter como destino após a morte, preferindo evitar os vícios, se salvando da danação e praticando as virtudes para ganhar o Paraíso.

Com a narrativa sendo retratada como uma história verídica, o medo do Inferno e o desejo pelo Paraíso se tornavam reais, preocupando os Medievos quanto a salvação da alma, pois o corpo era passageiro, mas a alma seria eterna, podendo sofrer punições ou se deleitar no Além-Túmulo.

Portanto, as versões ibéricas da *Visão de Túndalo* eram eficientes para o ensinamento acerca dos perigos dos vícios e as danações que a alma do pecador poderia sofrer no Além-Túmulo, bem como a prática das virtudes e o destino de felicidade no Paraíso, contribuindo para a adoção dos mandamentos da Igreja entre os fiéis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

História del Virtuoso Cavaleiro Dõ Túngano. Toledo, 1526. Disponível em: <http://archive.is/20121230013227/slt.telam.com.ar/la-vision-de-tungano/c13>. Acesso em: fevereiro de 2022.

Visão de Túndalo (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 97-120 (Códice 244).

Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 38-52 (Códice 266).

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1995.

OBRAS DE ESTUDO

ARIÊS, Philippe. **História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. [Ed. especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARNALDI, Girolamo. Igreja e Papado. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**: volume 1, São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 632-657.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, p.99.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BASCHET, Jérôme. Diabo. In. In. Le Goff, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (coord.) **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006, p. 319-331.

BEAULIEU, Marie-Anne Polo de. Pregação. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**: volume 2, São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 410 – 422.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001, p.79.

BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média: século XII**. Lisboa: Edições 70, 1983.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991, p.27.

- CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. História e análise de textos. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.) **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 536-567.
- CASAGRANDE, Carla; VECCHIO, Silvana. Pecado. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean Claude (coord.). **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**: volume 2, São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 378 - 393.
- DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DELUMEAU, Jean. **O que Sobrou do Paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- FAURE, Philippe. Anjo. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (coord). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol. I, 2002, p. 69-81.
- FLORI, Jean. Cavalaria. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 185-199.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 2. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. **As cruzadas**. Brasiliense, São Paulo: Brasiliense, 1999.
- HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.
- LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.
- LE GOFF, Jacques. Além. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 21-33.
- LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial. Estampa, 1993.
- LITTLE, Lester K. Monges e religiosos. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean Claude (coord.). **Dicionário Analítico do Ocidente Medieval**: volume 2, São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 256 - 275.
- LOPES, Bárbara Macagnan. A confissão e os pecados capitais no Portugal do fim do século XV ao início do XVI. **Revista Historiador** Especial Número 01. Julho de 2010, p.121-134. Disponível em: <http://www.historialivre.com/revistahistoriador>.
- MARQUES, de A.H de Oliveira. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Presença, 1987.
- MARQUES, João Francisco; GOUVEIA, António Camões. **História religiosa de Portugal**. Rio de Mouro: Printer Portuguesa, Ind. Gráfica, 2000.
- MESSIAS, Bianca Trindade. **Memória, educação e salvação cristã na Visão de Túndalo (séculos XIV e XV)**. Dissertação de Mestrado em História. São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 2016.
- NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015.
- NOGUEIRA, Sebastiana. M. da Silva. Visionários e seus apocalipses: do judaísmo, do Novo Testamento ao misticismo judaico. In: NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015, p. 59-96.
- OLIVEIRA, Solange Pereira. **A salvação como um itinerário no Além Medieval**: a viagem imaginária da Visão de Túndalo (Séculos XIV-XV). Tese de Doutorado em História. Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2019.

- RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Editora Estampa, 1995.
- SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e leigos. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**, São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2002, p.237-250. SCHMITT, Jean-Claude. Corpo e alma. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, vol I, 2002, p.253-280.
- SOUSA, Ágabo Borges de. Além-mundo no Antigo Israel e nas religiões do Oriente Próximo. In: NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Mundo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Paulo: Metodista/FAPESP, 2015, p.41-58.
- TEODORO, Leandro Alves. **A escrita do passado entre monges e leigos: Portugal – séculos XIV e XV**. São Paulo: Editora Unesp, 2012.
- VALDEÓN, Julio; PÉREZ, Joseph; JULIÁ, Santos. **História de Espanha**. Lisboa: Edições 70, 2014.
- ZIERER, Adriana. *A Visão de Túndalo: da danação à salvação numa viagem imaginária medieval* In: NOGUEIRA, Paulo (Org.). **O Imaginário do Além-Túmulo na Apocalíptica e na Literatura Visionária Medieval**. São Bernardo do Campo: Editora Metodista - FAPESP, 2015, v.1, p. 163-205.
- ZIERER, Adriana. **Da ilha dos bem-aventurados à busca do Santo Graal: uma outra viagem pela Idade Média**. São Luís: Editora UEMA, 2013.
- ZIERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII). **Mirabilia**, v. 02, p. 150-284, dez de 2002.
- ZIERER, Adriana. Paraíso e Inferno na *Visión de Don Túngano* (Visão de Túndalo): um percurso para a salvação. **Notandum** 42 set-dez 2016.